

Manual de Obras 2 a 15



Muros, lá fora e cá dentro 16



Manual Para Pais 18



Entrevista a Alberto Leite 20

# REFRIGÉRIO



## Escreveram para este número

Alberto Leite  
 Alfredo Abreu  
 António Marques  
 Chris e Camica  
 Eduardo Fidalgo  
 Filipe Ameixa  
 Joaquim Capelas  
 João Pereira  
 José Filipe  
 José Lacerda  
 Leta Farinha  
 Levi Oliveira  
 Pedro Aguiar  
 Pedro Lourenço  
 Pratas (família)  
 Tiago Santos  
 Tirza Voguel

TEXTOS  
**PARA**  
 FAZER  
**PENSAR**

11 ANOS!



Fez na semana passada 11 anos que chegámos a Moçambique! Lembro-me como se fosse hoje da onda de calor que sentimos quando a porta do avião se abriu. Melhor ainda, o pastor que deveria estar à nossa espera esqueceu-se de nós e nem tínhamos forma de o contactar. Surpreendentemente apareceu alguém que conhecíamos que nos deu a primeira boleia na caixa aberta de uma carrinha. Desde então muitas coisas aconteceram!

Muitas histórias teríamos para contar. Algumas delas muito interessantes e encorajadoras, outras nem por isso. Mas todas elas importantes, necessárias e determinantes para quem somos hoje.

Estamos gratos a Deus por todos aqueles que nos têm apoiado através da oração e do sustento financeiro e por aqueles a quem temos tido o privilégio de servir. A Deus toda a Glória, por nos permitir ser o que somos e fazer o trabalho que fazemos, da forma que fazemos.

Ainda na semana passada, eu e a Alice tivemos a oportunidade de visitar um país com bastantes restrições ao Evangelho, mas onde a mensagem da salvação continua presente na vida dos nossos irmãos e irmãs, que apesar das restrições, não deixam de falar daquilo que Jesus significa para eles.

Foram eles que me ensinaram o poder da oração e que um dia interromperam uma reunião porque o alarme do seu telefone começou a tocar – “Desculpa, são 9:38 e costumamos orar nesta hora em obediência a Mateus 9:38 – Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara”

Nunca, em tantos anos de ministério, tinha orado tão intencionalmente acerca da grande comissão e daqueles que precisam de ir e responder à chamada. Faz-nos pensar que aqueles que sofrem mais perseguição são aqueles que mais desejam proclamar o evangelho a “toda a criatura”. Que grande exemplo para nós!

Obrigado a si também, por fazer parte daquilo que somos e fazemos, aqui em Moçambique,

Até breve.

*Família Pratas (os vossos missionários em Moçambique)*

## LIDER DA BANCADA PARLAMENTAR EM ANGOLA

A IEIA, Igreja Evangélica dos Irmãos de Angola, estará em grande medida na Assembleia Nacional da República da Angola, com um dos seus filhos a desempenhar o papel de grande relevância de líder da bancada parlamentar do partido maioritário. Que o Nome do Senhor louvado seja.

Ao amado irmão Américo Cuononoca damos os parabéns pela nova missão e pedimos que Deus lhe dê sabedoria e integridade para que, no final, o nome do Senhor seja louvado pelo vosso trabalho e ministério.

Estaremos em oração e unidos em Cristo

AC

## NECROLOGIA

No momento em que a revista está pronta para seguir para a tipografia tomámos conhecimento do falecimento do Dr. João Pinheiro. Recentemente soubemos igualmente do falecimento do Pastor Augusto Esperança. No próximo número faremos referência mais pormenorizada sobre estes dois grandes homens de Deus.

## FICHA TÉCNICA REFRIGÉRIO

ANO31 NÚMERO171 OUT/DEZ2018 ISSN2182-617X

Periódico trimestral visando a informação

e edificação do povo de Deus



**PROPRIEDADE**  
Comunhão de Igrejas  
de Irmãos em Portugal  
CIIP

**Internet:** www.ciip.net **E-mail:** refrigerio@ciip.pt

As igrejas afiliadas na CIIP caracterizam-se por: serem igrejas locais autónomas, com uma convicção e tradição de liderança plural na comunidade, comunhão aberta sem distinção de origens denominacionais, ênfase na liberdade do Espírito Santo no culto e serviço, expectativa da segunda vinda iminente do Senhor Jesus em glória, e no exercício livre do ministério através dos dons e talentos em vez da profissionalização de cargos eclesiais.

### Comissão Administrativa e Editorial

Eliseu Alves, Helena Sequeira e Osvaldo Castanheira

### Endereço Jornal Refrigério

Rua das Eiras, 22 2725-294 Mem Martins

**E-mail:** refrigerio@ciip.pt

**Design Gráfico e Paginação** Osvaldo Castanheira

**Refrigério Impresso e Refrigério Online**

**Capa deste número** Osvaldo Castanheira

**Revisão e edição de Textos** Cristina Calaim e Matilde

Vieira **Revisão e Edição de Notícias** Helena Sequeira

**Versão digital** <http://www.refrigerio.ciip.net>

**Impressão SIG** - Sociedade Industrial Gráfica, Lda.

**Depósito Legal** : 21.402/88

**ISSN: 2182-617X** impresso / **2182-6188** em linha

**Tiragem:** 2200 ex **Preço de cada exemplar:** 2 €

### Sustentado através de ofertas voluntárias

**Finanças** Agradecemos a todos os irmãos e igrejas que têm ajudado no sustento deste ministério. Envie a sua oferta para CIIP. **Os cheques devem ser passados à ordem de CIIP.** NIB 0035 2145 0001 7614 9309 2 com a especificação do destino da oferta: para “Revista Refrigério”.

© Copyrights - Autorizamos e incentivamos a divulgação, no todo ou em parte, dos estudos e artigos publicados, desde que a fonte seja citada. Os artigos assinados são da responsabilidade individual. Os artigos que não correspondam à linha doutrinária e informativa deste jornal, não serão publicados. A Comissão de Publicações do Dep. de Comunicações da CIIP assiste o direito de rejeitar publicidade que colida com as atividades das Assembleias de Irmãos.

**Coord. Dep. de Comunicações** António Calaim

**ENDEREÇO para correspondência:** REFRIGÉRIO

Rua das Eiras, 22, 2725-299 Mem Martins

**Cada N° do REFRIGÉRIO tem um custo.**

Apoie este ministério com a sua oferta.

## DADOS ESTATÍSTICOS



# MUROS-MANUAL DE OBRA CONSTRUÇÃO E DEMOLIÇÃO

... pois não é aprovado quem a si mesmo se recomenda (para a construção), mas aquele a quem o Senhor recomenda.

2 Coríntios 10:18

Este manual de 28 páginas foi escrito a pensar em si. Aprenda a construir um muro com rigor ou a derrubá-lo em segurança. Para isso selecionámos uma vasta equipa de 15 especialistas em construção, dos quais 8 novos redatores, sendo que 5 são arquitetos. Através de deslocações ao local e estudos *in loco*, com viagens ao Piauí/nordeste do Brasil, a Belfast, Suíça e Jerusalém ou baseados num *savoir faire* de muitos anos, este manual pretende contribuir para que líderes e trabalhadores das comunidades em construção se organizem conscientes das dificuldades que irão encontrar. Também é um guia de caráter prático que apresenta diversos exemplos de situações muito concretas, designadamente de intervenções a executar em edifícios aparentemente obsoletos, que apresentam limitações e condicionalismos, por vezes difíceis de resolver na **perspetiva humana**, mas não impossíveis na **visão divina**.

O construir ou derrubar um muro tem implicações, tanto a nível **individual** como **comunitário**, principalmente no que diz respeito à direção de obra, demonstrando que a sua implementação requer o envolvimento de todo os intervenientes, sempre sob a orientação do **Mestre** de Obras ou do grande **Arquiteto** da Criação.

A fase da construção tem nestas páginas uma importância acrescida pelo contributo que poderá dar para a adoção de **práticas amigas do ambiente, da saúde física, mental e espiritual do indivíduo**.

Como não podia deixar de ser, o presente manual aborda também pesquisa em laboratório, analisando os diferentes métodos de trabalho e materiais de construção (**os inertes**), sugerindo práticas baseadas no texto bíblico.

*Toda a Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda a boa obra.* 2 Timóteo 3:16-17

Descreve a evolução histórica da construção e funções de muitos dos muros existentes na Terra desde os tempos pré-históricos até aos nossos dias, servindo de exemplo para aqueles que dão os primeiros passos dentro do estaleiro..

Não poderia deixar de fora o tema do **restauro** de muros individuais ou muralhas de comunidades entregues ao isolamento ou pura e simplesmente sugestões para a sua total demolição e construção de novo edificado, sugestões estas retiradas do LIVRO DOS LIVROS.

Fazer uma obra acontecer não depende apenas do engenheiro, arquiteto ou pedreiro. Esses são os cargos que vêm rapidamente à nossa mente quando o assunto é construção; porém, ao lado das profissões mais conhecidas, estão outros profissionais e aprendizes que exercem um papel fundamental no andamento e resultado final do construído.

*Existem diferentes tipos de dons, mas o Espírito é o mesmo.* 1 Coríntios 12:4

Saber quais as funções e hierarquias de cada um é importante para ler as plantas e alçados com rigor e saber de antemão que é muito diferente construir sobre a rocha ou sobre a areia, e as consequências daí resultantes.

**Procura apresentar-te a Deus aprovado, como “trabalhador” que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra da verdade...** (o programa de CAD, a colher de pedreiro, o fio de prumo, que prepara os alicerces ou monta os andaimes...) 2 Timóteo 2:15

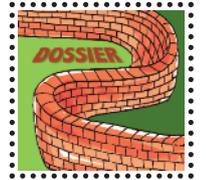


# UM MURO COM 500 ANOS, DIFÍCIL DE DESTRUIR

por Tirza Vogel



fotosaldocastanheira



*“Bem-Aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus.” Mateus 5:9*

**UMA DAS CARACTERÍSTICAS** de um bom pacificador é a Empatia. En(dentro)+pathos (sentimento ou sofrimento): sentir dentro, ou seja, a capacidade de uma pessoa se pôr no lugar de outra, ou olhar com o olhar do outro e considerar uma perspectiva diferente da sua.

Para viver noutra país, é preciso mudar de perspectiva. Não é fácil, pois mexe com a própria identidade. Com a própria cultura, aprendemos desde pequeninos incontáveis regras subentendidas. Coisas que não se dizem mas fazem parte do “bom-senso” de cada um para não parecer esquisito, ou indelicado... Muitas vezes não têm necessariamente uma lógica. Ou têm uma lógica inexplicável apenas para nós. É claro que a “nossa maneira” faz muito mais sentido! Mas cada uma dessas “maneiras” pode ter uma história interessante...

Ao sair da nossa própria cultura, somos obrigados a exercitar empatia. Demora mais do que alguns meses para passar do fascínio inicial de todas as novidades e começar a questionar as diferenças.

Um dia destes tivemos um culto de missões na nossa igreja e o tema era a chegada do evangelho aos países de língua portuguesa. Graças a Deus pela oportunidade de usarmos a nossa língua em comum para chegar mais perto a todos esses países. Como em qualquer contacto entre culturas diferentes, nesse caso também se encontram perspectivas históricas, heranças de costumes, expressões e opiniões muito diferentes. A perspectiva de vida, os preconceitos inconscientes, a maneira de ver o mundo e as pessoas não é igual. E por vezes a língua em comum faz-nos subestimar as diferenças e podem surgir mal-entendidos pequenos ou mágoas maiores. A empatia deve idealmente funcionar nos dois sentidos mas, como não podemos forçar a compreensão do outro, devemos dar o primeiro passo, especialmente se formos os hóspedes em terra alheia. Vamos então tentar exercitar a tal empatia, pela nossa parte. Infelizmente, no momento em que esta irmandade de língua foi gerada, meio milénio atrás, não foi essa a atitude dos nossos antepassados apesar de termos orgulho na coragem

dos descobridores (Heróis do Mar, nobre Povo, nação valente...), e realmente são qualidades dignas de admiração! Tentemos colocarnos na pele do outro lado da História: “efeitos colaterais” foram entre outros: o genocídio de alguns povos e a subtração da identidade de muitos outros através da escravatura. Esses nossos países irmãos devem ter também bastantes defeitos e características culturais que nos parecem enigmáticas, mas eu pergunto-me em que medida alguns desses desequilíbrios que poderíamos criticar mentalmente (como bons cristãos não falamos diretamente dessas coisas, como é óbvio) não poderiam ser herança de outras loucuras feitas muitos anos atrás. A linhagem de erros é comum a todas as culturas e poderia ser retrocedida em análise até ao momento da queda, se alguém tivesse paciência de fazê-lo... mas essa não é a questão.

Aprendemos que o maior mandamento é: *“Ama o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento e ama o teu próximo como a ti mesmo”*. Eu li uma vez que podemos entender a parte *“como a ti mesmo”* como dever de amar a nós mesmos para podermos amar ao próximo da mesma forma, mas que outra tradução possível seria: **devemos “amar o próximo porque ele é como nós”**.

Todos nós somos pecadores e necessitamos da graça de Deus. Todos os povos e culturas falharam e a reação mais natural seria: *“o que tenho eu a ver com os erros dos meus antepassados?”* Contudo, ao reconhecermos os nossos erros, os erros do nosso povo, ao entendermos as próprias mágoas e a dificuldade que temos em lidar com as diferenças dos outros, podemos aprender a ter empatia: somos tão falhos como o nosso próximo e, por outro lado, ele provavelmente está tão magoado por incompreensão como eu. A realidade é que os dois lados têm dificuldade em destruir esse muro e só com o poder de Deus podemos receber o amor necessário para dar o primeiro passo. Afinal não foi isso que Deus fez connosco? (e Ele, ao contrário de todos nós, não tinha falha alguma).

Qualquer sociólogo diria que o primeiro passo correto para estabelecer um relacionamento com outra cultura é esforçar-se para conhecer a perspectiva do outro. Isso não é difícil de entender. Mas qual é o nosso papel como filhos de Deus? Se nós damos o passo de ir até

outro país para mostrar o amor de Deus, devemos aspirar atingir o nível de empatia (uma palavra que tem raízes comuns a compaixão e misericórdia) do nosso Pai. Ser pacificador exige uma atitude que dá um passo além daquilo que consideramos meramente “nosso dever”, mas temos a promessa de sermos chamados filhos de Deus. Isso significa que por esta atitude reconhecerão que somos parecidos com Deus mesmo antes de partilhar verbalmente o evangelho: significa que seremos identificados como imitadores de Cristo que literalmente vivem a Boa Nova. Este desafio vai completamente contra a vontade do nosso orgulhoso ego facilmente ofendido, pois não podemos querer “ter razão” em primeiro lugar. O “caminho ainda mais excelente” é outro:

*“ainda que eu falasse perfeitamente todas as línguas e dominasse perfeitamente o sotaque dos meus vizinhos( o que infelizmente nunca vai acontecer), se não tiver amor, a minha pregação será apenas um ruído desagradável. Ainda que eu tenha o dom da palavra, saiba*

*todas as estratégias de evangelismo (explosivo, criativo, pessoal, tradicional ou inovativo ...), se eu tiver fé capaz de mover multidões e certeza do poder de Deus, se não tiver amor, nada serei. Ainda que eu dê tudo de mim e acabe num esgotamento emocional ou até entregue o meu corpo para ser queimado vivo, se não tiver amor, nada disso me valerá. O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com injustiça, mas alegra-se com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.” (Paráfrase)*

*Tirza Vogel, que tentou desde 2011 entender e amar a cultura do Piauí (nordeste do Brasil). Ao tentar ajudar com o projeto “Música que Transforma”, mais do que transformar, fui transformada por Deus através dos desafios que me fizeram olhar com outros olhos, mesmo que eu ainda esteja longe de entender.* 

# VIAGEM PELOS 2 NOMES DE 1 MURO

por Eduardo Fidalgo

7 DE JUNHO DE 1967. 3º dia do conflito

(Guerra dos 6 Dias), 10.00 horas da manhã.

Nesta quarta-feira, há umas horas, quando o Sol nasceu atrás do Monte das Oliveiras, Jerusalém ainda era uma cidade dividida. Daqui a alguns minutos, não será mais. A 55ª Brigada de Paraquedistas israelitas esgueira-se pela Porta dos Leões, na Cidade Velha.

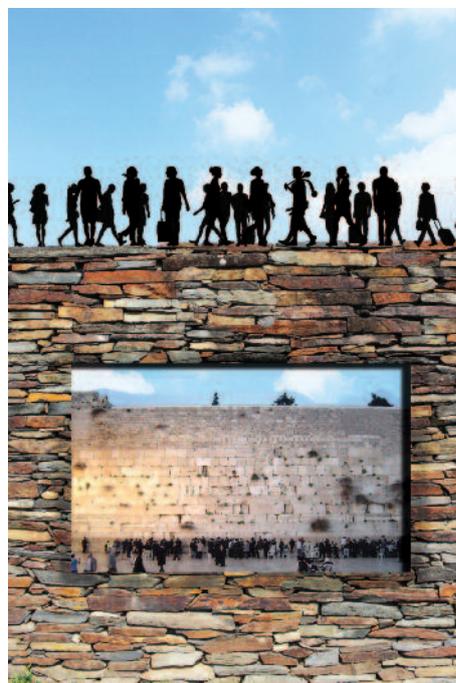
– **Estamos a entrar na Cidade Velha...** – informam via rádio.

São comandados por Motta Gur, um Coronel. Desde os dias de Tito, há quase 19 séculos, que nenhum exército de Israel pisa este chão. A incursão faz-se rua a rua... até que chegam ao Domo da Rocha. Tudo deserto! Adivinha-se o êxito da missão. Instantes depois, Motta Gur anuncia pelo rádio:

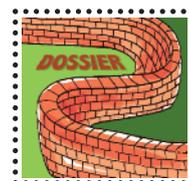
– **O Monte do Templo está nas nossas mãos. Repito!... o Monte do Templo é nosso!**

A voz denuncia-o, está a fazer História. Alguns soldados hasteiam a bandeira de Israel no topo do Muro das Lamentações. David reina novamente.

Naquela época, o Muro das Lamentações estava acessível apenas por uma viela estreita que servia um bairro de judeus marroquinos, e que não tinha sequer 5 metros de largura. Consumado o objetivo



fotosvaldocastanheira



militar, foi para lá que convergiram centenas de soldados. E depois deles, do lado ocidental da cidade vieram civis, que entenderam claramente a importância nacional (e espiritual) do que acabara de acontecer. Ouve-se o toque de um shoffar, e a emoção aumenta. Quem o tocou foi Shlomo Goren, o Chefe-Rabbi das Forças Armadas de Israel. Na sinagoga espontânea, agradece a Deus: **“Louvado sejas Tu, Senhor nosso Deus, Rei do Universo, por nos dar vida, por nos sustentar, e por nos ajudar a viver este dia”**. Com o braço esquerdo, abraça um rolo da Torah, que descansa sobre o coração. Canta-se a HaTikvah. Hoje, não houve lamentações no Muro!

**ANO DE 2018.** São 10 horas da manhã, e centenas de turistas descem os lanços das escadas de um dos acessos ao Muro. No ar ouve-se o eco de Babel, de dezenas de idiomas que se atropelam, embora unidos pelo mesmo propósito. Mesmo apressados, os visitantes fazem uma breve pausa num dos patamares, e afagam com os olhos o lugar que os faz sonhar tanto. Para muitos deles, Jerusalém só será Jerusalém... quando estiverem no Muro das Lamentações.

De onde vem esta atração, este fascínio? No fim de contas, o sítio

não passa de uma muralha de pedra! Mas se para uns, ele é (o) grande destino da viagem, para outros é apenas (**mais um**) lugar curioso – um Muro de Recordações. Sentimentos à parte, sabemos que muito antes de ser “**Muro das Lamentações**” era apenas e só o “**Muro Ocidental**”. Este nome é que é milenar, o primeiro não é. Na atualidade, porém, não ganhamos nada em separá-los, porque ouvidas as memórias de um e do outro, veremos que cada qual conta a sua versão da mesma História.

## MURO OCIDENTAL

Já no Séc. IV, o Rabbi Ahai, uma personagem talmúdica, chamava a este lugar de “Muro Ocidental”, assim como o poeta Ahima'az ben Paltiel, este no Séc. XI. É, portanto, conhecido assim há cerca de dezasseis séculos. Realmente, esta é a designação que os judeus sempre usaram. Na sua própria língua, ele é “O Muro Ocidental”, ou apenas “O Muro”!

Quando Herodes (Idumeu, da linhagem de Esaú) quis cair nas boas graças dos judeus (da linhagem de Jacob), decidiu colocar a sua marca pessoal no Templo em Moriah. E projectou algo de tão colossal face ao que existia antes, que o aspecto do Monte ficou irreconhecível. Herodes alargou regiamente o perímetro do complexo, e nivelou os vales com as elevações, aterrando as depressões do terreno, e criando com isso uma enorme plataforma, um mega terraço com quatro paredes de contenção, que impressionavam pela altura imponente. E no topo dessa “eira” colossal (a evocar a humilde eira primitiva de Araúna – II Sam. 24:18), mais uma vez foi “levantado um altar ao Senhor”, desta feita, o Templo em que Jesus ensinou. Para se ter uma ideia da ampliação levada a cabo, bastará dizer que de Salomão para Herodes, a área total do complexo duplicou. Sabemos, pela História, que os romanos acabariam por destruir praticamente tudo. Porém, o Muro Ocidental resistiu, embora muito danificado. Com o tempo, os homens foram-lhe tratando as feridas, e a parede de contenção virada a poente continua a impressionar hoje, como já o fez no passado.

## MURO UNIVERSAL

Estamos a falar de um pano de muralha com 57 metros de comprimento por 19 de altura, consolidado com uma espessura de 4,6 metros. A imagem é de grande majestade, e nem mesmo o relógio lhe consegue impor a lei do tempo. O Muro nunca dorme, e só fica condicionado ao uso público durante eventos especiais. Há muito que o antigo bairro marroquino desapareceu, e deu lugar a uma praça arejada. Essas e outras mudanças em Jerusalém só foram possíveis porque naquela manhã de 1967 se abriu uma porta de oportunidade, e certamente uma porta bíblica. Logo após a reunificação da cidade, Israel regressou ao Muro. E não só a Arqueologia começou a trazer à luz mais História escondida, como também mais páginas da Escatologia divina foram viradas.

Por isso, é junto à muralha que os judeus oram, e fazem-no do seu jeito muito peculiar. E porque é humano rejeitar-se o que não se entende, muitos estranham a forma como essas orações são conduzidas, porque transparece a ideia de que os judeus oram “para as pedras”. “**Não!**” – contestam – “**Nós oramos através das pedras**”. E explicam: “Na tradição judaica, a Divina Presença nunca abandonou o Muro Ocidental. Portanto, oramos na intimidade do Muro, virados na direcção do Santo dos Santos...”

Nesse espaço de oração aos pés do Muro, são visíveis duas áreas distintas, de tamanhos diferentes: a primeira, à esquerda, é a maior, e está reservada para os homens. Num espaço interior adjacente, aninhado dentro do Arco de Wilson, encontramos uma zona de estudo e meditação. Novamente cá fora, na divisão mais à direita do Muro, oram as mulheres. E ao aproximarmos-nos da muralha, são visíveis milhares de pequenos pedaços de papel preenchendo as fissuras entre as pedras. São orações de papel dirigidas ao Deus de Israel, que os visitantes aí deixam. Para muitos, pisar este chão, orar neste lugar, e deixar um apelo a Deus que vai permanecer para lá da visita, é um sonho bom.

Concretamente, “o Muro” é aqui, esta é a área que melhor o identifica e lhe dá créditos universais. No entanto, como elemento físico, ele é muito maior do que esta zona nuclear na Praça de Oração. Aqui está apenas uma nona parte do tamanho total. Então, vejamos: à direita desta secção, e até ao canto sudoeste, ele prolonga-se por mais 80 metros. É aí que encontramos o que resta do Arco de Robinson, que, no passado, fazia parte das escadas que conduziam a uma porta do Templo. Por debaixo desse arco, uma série de lojas de comércio (de que há vestígios) ladeava a rua que servia toda esta zona ocidental do Templo.

E para norte da Praça de Oração, o Muro prolonga-se por mais 320 metros. Aqui, porém, séculos e séculos de construção deixaram-no praticamente oculto entre casas e ruas que foram sendo construídas. Mas os arqueólogos tornaram possível acompanhar totalmente a progressão das suas fundações, através de um túnel que “corre” junto a ele. Quem o conhece, sabe que já fez uma viagem com a História.

## MURO DAS LAMENTAÇÕES

O desastre do primeiro Templo judaico aconteceu quase seiscentos anos antes de Jesus nascer, quando a pérola de Salomão caiu nas mãos de Nabucodonosor, que atirou os judeus para um exílio profético. E no ano 70, o General Tito, sufocando os judeus revoltosos, arrasou o segundo Templo, o do Novo Testamento, a testemunha silenciosa do ministério de Jesus! Desde então e até hoje, nunca mais houve qualquer Templo em Jerusalém! E é por esses motivos – as duas assolações irreparáveis, mas também o vazio que resulta da ausência de um lugar de adoração no Monte Moriah – que o Muro escuta pacientemente as lamentações do seu povo. O que os filhos de Abraão experimentam, é afinal, uma outra forma de exílio...

E assim, fielmente, ano após ano, ao longo de séculos, eles regressam “ao lugar que o SENHOR escolheu para ali fazer habitar o seu nome”, na esperança de que Deus reverta a sua condição. Há já praticamente dois mil anos que os judeus aguardam a construção do Terceiro Templo, orando com persistência diária. Um dia, Deus irá atendê-los!

\*\*\*

**Entendo, como Paulo:** “...o véu está posto sobre o coração deles...”

(II Cor.3:15)

**Oro, como Paulo:** “Irmãos, o bom desejo do meu coração e a oração a Deus por Israel é para sua salvação.” (Rom. 10:1).

**Creio, como Paulo:** “E também eles, se não permanecerem na incredulidade, serão enxertados;...” (Rom. 11:23);

**Anseio, como Paulo:** “Quando algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado.” (II Cor.3:16).

**Descanso, como Paulo:** “...E assim todo o Israel será salvo...” (Rom. 11:26)



# UM MURO CHAMADO

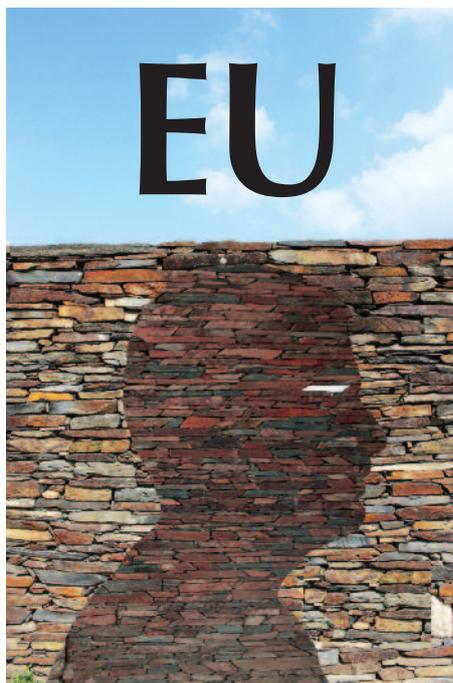
por Filipe Ameixa / arquiteto

**Definição de Muro:** Para fins de desenvolvimento do tema, aceite-se a palavra **MURO** como algo que é construído por meios humanos com possibilidade de recurso a diversos materiais, cumprindo as mais variadas finalidades.

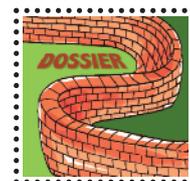
**P**ARA AQUELES que já folhearam inúmeras páginas de livros de História, não será difícil conceber que a contextualização do Muro, ou melhor, do uso do Muro (porque neste como em muitos outros casos o objeto não deverá ser dissociado da pluralidade de suas funções) não poderá ser balizada em qualquer período específico da cronologia humana. O recurso à construção de barreiras, em maior ou menor escala, é transversal ao desenvolvimento da humanidade. Desde utilizados como abrigos elementares (com ou sem cobertura), através de recurso a peles de animais, ramos, estacas, rochas e argilas, foram muitas vezes usados para organizar habitats no interior de grutas, mas também deram origem a cabanas que no seu conjunto formaram os primeiros povoados, já que os assentamentos se tornaram cada vez mais estáveis (durante os períodos Paleolítico Superior e Mesolítico). Foram, e têm sido, importantes no auxílio à domesticação e criação de animais, com a utilização de cercas e a estabulação do gado, e também na delimitação de propriedades, proteção de território e na construção e amuralhamento das primeiras cidades e respetivos arredores. Estes núcleos citadinos foram evoluindo numa paisagem cada vez mais urbana, a qual poderá ser certamente considerada como a génese do Urbanismo (a partir do período Neolítico). Se as cidades mais antigas surgem durante o período Neolítico, é a partir da Idade dos Metais que alcançam o seu auge. Como consequência do ímpeto construtivo, a época dos Metais protagoniza o que poderá ser entendido como a primeira grande revolução urbana.

Note-se que as cidades eram Fortificadas, não só para impedir a entrada de inimigos mas também para afirmar a força e riqueza que as suas muralhas continham. Eram, portanto, uma forma de afirmação de estatuto e poder. Tendo em conta essas premissas, é com naturalidade que se avança desde o amuralhamento das cidades-estado da Mesopotâmia, percorrendo diversas épocas históricas, até chegar às mais sofisticadas muralhas renascentistas. A título de exemplo, fica a nota à muralha de Constantinopla, construção encetada por Constantino no Séc. IV, à muralha de Ávila, em Espanha, iniciada em finais do Séc. XI e à muralha de Ston, na Croácia, construída no Séc. XV para defender Dubrovnik.

Se o leitor tiver disponibilidade e tempo, faça uma breve visita à Ci-



fotosvaldocastanheira



dadela de Cascais. É um conjunto de fortificações construídas entre os séculos XV e XVII que demonstra um agradável equilíbrio entre conservação e reabilitação. Recebeu intervenções arquitetónicas de Gonçalo Byrne, João Góis, David Sinclair, na Pousada da Cidadela de Cascais, que de resto venceu o Prémio Nacional de Reabilitação Urbana na categoria Melhor Intervenção de Uso Turístico, e do Atelier Miguel Arruda Architectos Associados, com o Projeto de Arranjos de Superfície do Parque de Estacionamento da Praça D. Diogo de Menezes, que esteve nomeado para a shortlist do Prémio Mies van der Rohe de 2011.

Mas, como podemos constatar pelos escritos da história, a necessidade de amuralhar não se restringe aos sítios com dimensão da cidade. Por vezes extravasa largamente essa escala.

Destaque-se a Grande Muralha da China, construída na segunda metade do Séc. III A.C, pelo monarca Shih Huang Ti, da dinastia Tsin (dinastia que originou o nome do país), que uniu anteriores trechos de muralhas defensivas, formando, numa larga porção de território, uma barreira defensiva contra os Hunos. A Grande Muralha continuou a ser construída durante séculos.

Veja-se, ainda, a Muralha de Adriano, mandada construir pelo Imperador Romano no ano 122 D.C. e terminada em 126 D.C., com o intuito de travar as invasões de tribos que habitavam a região da Escócia no território da província romana da Grã-Bretanha.

Importa realçar que a necessidade, ou a ideia da mesma, de criar Barreiras e Muros não caiu em desuso. Ainda hoje existem Muros da Discórdia, como o de Berlim, ícone da Guerra Fria, erigido em 1961, que separou um território politicamente dividido até o ano de 1989 (apesar de que culturalmente a cidade não se encontrava dividida). Existem também Muros de Segurança e Segregação, como o que separa Israel do território palestino da Cisjordânia, construído a partir de 2002 com o intuito de prevenir atos de terrorismo, impedindo a entrada de palestinos, e o Muro que separa os Estados Unidos do México, cuja construção remonta à administração de Bill Clinton, que procurou combater a imigração ilegal e o transporte de drogas fabricadas na América Latina.

Parece-nos igualmente pertinente destacar o Muro da Miséria no Rio de Janeiro, construído por razões de segurança, na luta contra furtos

e tráfico de droga, e também para impedir o crescimento desenfreado das favelas. E o Muro da Vergonha, na capital do Perú (Lima), mandado erguer pela parte rica da cidade por questões de proteção e contenção, para impedir que a população pobre invadisse o lado rico da capital. Ambos os casos constituem uma clara separação entre pobres e ricos. Uma nota ainda para o Muro entre as Coreias, que separa o Sistema Capitalista do Sistema Comunista.

De resto, o Muro é algo que existe intrinsecamente no imaginário humano. Desde a representação mitológica, como o Muro de Asgard na Mitologia Nórdica, até à reprodução ficcionada, como a Muralha de gelo na série televisiva Guerra dos Tronos. Também aqui, o Muro antes de ser já o era.

### BREVE REFLEXÃO

Talvez, e pela honestidade que o assunto nos merece, não seja sensato imaginar uma existência sem barreiras. Seja isso pela complexidade da vida, pelo direito à individualidade, e também pela dicotomia que o assunto apresenta... (tive um professor que nos ensinou: A nossa liberdade termina onde começa a do próximo – frase atribuída ao filósofo Herbert Spencer).

Repare que o Muro que separa é muitas vezes o mesmo que agrega

(cada lado sobre si mesmo, com animosidades e simpatias). Assim, o Muro que inclui é também aquele que rejeita. E, como resultado, o Muro que protege é também ele agressivo (tanto guarda como tira a liberdade).

Para nós, crentes em Jesus Cristo, crê-se sensato assumir que é a Palavra, através do Espírito Santo, que nos deve orientar onde devemos erguer e manter as nossas e as Suas barreiras.

Talvez as barreiras que verdadeiramente nos separam não sejam as diferenças culturais, ou o modo de pensar, ou quem sabe, até algumas de nossas crenças e convicções. Provavelmente, o que efetivamente nos separa seja o culto do Eu (o Muro edificado em torno de nós próprios, seja por medo, insegurança, vergonha, privacidade ou qualquer outra razão), cada vez mais disfarçado de uma “filantropia” egoísta, tal pecado em pele de lobo (por vezes cordeiro) vestido de avozinha de capuchinho vermelho. E em suma, o que verdadeiramente nos separa é o pecado.

O Senhor nos diz em João 17:21

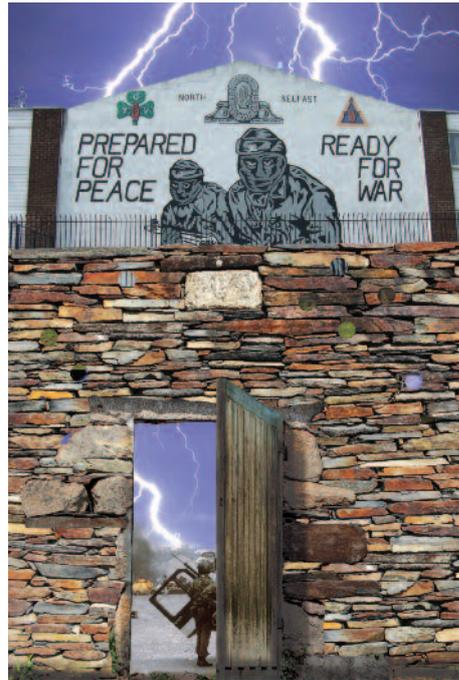
“... a fim de que todos sejam um; e como és Tu, ó Pai, em Mim e Eu em Ti, também sejam eles em Nós; para que o mundo creia que Tu me enviaste.”

BIBLIOGRAFIA: Consulte no site da CIIP na versão online do REFRIGÉRIO

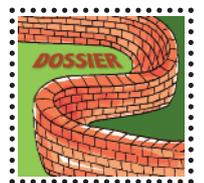
# “OS MUROS DE PAZ”

por João Pereira

Desde sempre existiram muros. Eles não dividem apenas, protegem essencialmente, fornecem paz e segurança.



fotosvaldocastanheira



**ANTIGAMENTE** os povos construía muralhas para se protegerem e defenderem contra intrusos e inimigos; Roma construiu a muralha de Adriano no norte de Inglaterra, a muralha Aureliana; na China temos a grande muralha; qualquer fortificação teria muros altos e fortes e o próprio salmista exclamava, referindo-se a Jerusalém “Haja paz dentro de teus muros e prosperidade dentro dos teus palácios” (Sal. 122.7). Os inimigos de Esdras escreveram ao rei Artaxerxes queixando-se que os judeus estavam reparando os muros da cidade (Esdras 4.12); Neemias acendeu a ira dos seus inimigos ao reparar as brechas dos muros de Jerusalém (Neem. 4.7); a vergonha patética de uma cidade sem muros é bem expressa no provérbio “Como a cidade derribada, que não tem muros, assim é o homem que não pode conter o seu espírito” (Pv.

25.28); a nova Jerusalém tem “grande e alta muralha” (Apo. 21.12). Em tempos mais recentes também temos muros, o de Berlim, o da fronteira do México com a Guatemala, o muro iniciado pelo presidente Clinton na fronteira do México com os EUA e também um muro que, surpreendentemente, ou talvez não, em plena Europa insiste em permanecer edificado a separar duas comunidades da grande família da religião cristã: o muro de Belfast.

As linhas de paz, ou muros de paz, são uma série de barreiras de fronteira na Irlanda do Norte que separam bairros católicos e protestantes. Eles foram construídos em áreas urbanas de Belfast, Derry, Portadown e outros. O propósito declarado das linhas de paz era minimizar a violência entre católicos (a maioria dos quais são nacionalistas que se identificam como irlandeses) e protestantes (a maioria

dos quais são unionistas que se identificam como britânicos). As primeiras "linhas de paz", ou muros, foram construídas em 1969, após a eclosão dos distúrbios na Irlanda do Norte, os "The Troubles", um conflito étnico-nacionalista que, na sua origem, não era de cariz religioso, mas nacionalista. A questão fundamental era o estatuto constitucional da Irlanda do Norte. Os Unionistas, na sua maioria protestantes, pretendiam que a Irlanda do Norte permanecesse dentro do Reino Unido. Os nacionalistas/republicanos irlandeses, na sua maioria católicos, queriam que a Irlanda do Norte deixasse o Reino Unido e se unisse numa Irlanda unida. O conflito começou durante uma campanha para acabar com a discriminação contra a minoria católica nacionalista pelo governo protestante unionista e pela força policial. As autoridades tentaram reprimir essa campanha de protesto e foram acusadas de brutalidade policial; também foi recebida com violência de partidários, que alegaram ser uma frente republicana. O aumento da violência intercomunitária e o conflito entre os jovens nacionalistas e a polícia acabaram levando a tumultos em Agosto de 1969 e ao envio de tropas britânicas. Alguns católicos, inicialmente, receberam o exército como uma força mais neutra, mas logo passou a ser vista como hostil e tendenciosa. O surgimento de organizações paramilitares armadas (I.R.A. – Irish Republican Army, o braço armado do Sinn Féin) levou à guerra nas três décadas seguintes. Estes muros foram construídos como estruturas temporárias destinadas a durar apenas seis meses mas, devido ao seu efeito, tornaram-se mais amplos, longos e permanentes. Originalmente poucos em número, multiplicaram-se ao longo dos anos, de dezoito no início dos anos 90 para os atuais quarenta e oito; no total, eles estendem-se por mais de 34 km, a maioria localizada em Belfast. Foram aumentados em altura e número desde o Acordo de Sexta Feira Santa de 1998. As linhas de paz mais proeminentes dos últimos anos separam a estrada nacionalista Falls Road e as áreas unionistas de Shankill Road, a oeste de Belfast; a Short Strand Católica das áreas protestantes de Cluan Place, em East Belfast, a estrada Protestante de Corcraín e a Orbins

Católica em Portadown, a propriedade Protestant Fountain e a área da Catholic Bishop Street em Derry. Recentemente, e após os acordos de paz, tornaram-se locais turísticos. Os táxis agora conduzem grupos de turistas ao redor das linhas de paz de Belfast, pontos problemáticos e murais famosos cheios de graffiti alusivos à luta intercomunitária entre católicos e protestantes.

O que nos leva a uma questão: que muros tem a Igreja de Cristo edificado? Muros de proteção ou muros de divisão?

Todo o AT, e por extensão o NT, tem como noção a separação: o limpo do imundo, o povo eleito do restante dos povos. O conceito divino de uma cidade, ou nação, não se dá por um território geográfico, mas por um povo. Assim, a Nova Jerusalém não se refere a pedras, ouro, prata ou qualquer vil metal, mas sim ao que há de mais precioso no universo, os valiosos filhos comprados e remidos pelo precioso sangue do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Aliás, uma grande prova da necessária separação, é o facto da Nova Jerusalém ser cercada por muros e acessível apenas por uma porta. Mas os muros atualmente erigidos pela Igreja são de proteção e defesa contra influências externas ou, como os muros de Belfast, serão apenas divisórios, oriundos das exigências terrenas de comunidades cujas convicções religiosas se manifestam na tentativa de secularizar o que pertence ao foro espiritual? Um mal-entendido amor pelo pecador pode ser tangível a um amor ao mundo e ao pecado. Porque tem a Igreja perdido a sua salinidade e paladar, num mundo apodrecido pelo neopaganismo e relativismo moral, senão pelas suas guerrilhas internas e divisões politizadas simultaneamente com o derrube dos muros de proteção doutrinária e teológica? Considerarmos a identidade comum enquanto família é o que abranda a divergência e torna possível o antagonismo e, conseqüentemente, a discussão racional. É o fundamento de qualquer modo de vida em que a solução conciliatória é a regra, não o despotismo. É o que alimenta a diversidade na unidade. 🏠

## E NÓS ?

por José Lacerda

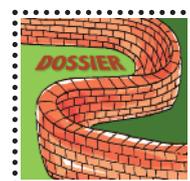
**B**EM SEI. Não é bom que o crente viva isolado, fechado em si próprio, sem novas referências, sem ouvir os outros, sem usufruir da riqueza da pregação - da novidade que é revelada no discurso ou está oculta no texto, de orar com os irmãos e com eles comungar.

Não há nas Escrituras nenhuma recomendação ou estímulo para que abandonemos a Igreja e vivamos fora da comunhão dos irmãos, sem par-

HÁ MUROS INVISÍVEIS NA IGREJA?



fotosvaldocastanheira



ticipar na vida da nossa congregação com as nossas ofertas e serviço. Mas a verdade é que há uma comunidade dispersa por variadas ra-

zões e isso é uma realidade que a igreja não pode ignorar nem deixar de refletir.

A atitude normal da igreja em relação a estas pessoas é: “estes irmãos desviaram-se do caminho do Senhor, a sua fé era fingida, a sua conversão duvidosa. Longe da igreja, estão no caminho da perdição; oremos para que regressem à nossa comunhão e retomem o bom caminho”.

Esta é uma atitude cínica para tentar dar paz a algumas consciências. Raramente se reflete sobre a questão fundamental – porque razão nos deixaram? Teremos alguma responsabilidade na sua decisão? O que é que correu mal?

O apóstolo Paulo, quando da fundação das primeiras igrejas, manifestou grande preocupação com o problema dos “infiltrados”, aconselhando mesmo algumas medidas drásticas para a “limpeza” das assembleias. Ele tinha consciência da gravidade dos desvios que estavam a acontecer e das consequências nefastas que poderiam ter para o crescimento de uma igreja pura, composta unicamente pelo povo de Deus, verdadeiramente convertido, salvo e disponível para seguir o Senhor e entusiasmado para espalhar a boa nova da salvação; e sabia também que um dos estragos que estes desvios podiam provocar, era o abandono de muitos.

Há indivíduos que estão nas igrejas unicamente com projetos de promoção pessoal, para alimentar o seu narcisismo.

Uns encontraram o local ideal para exercer o seu poder de hipnotizar – alguns ficam encantados com o seu discurso fácil e fluente, sem ensaio aparente, sempre bem recebido porque a sua linguagem é “evangélica” e a sua mensagem, bíblica.

Outros, mais radicais e com um discurso menos melodioso, pregam, com audível autoridade, o medo, o castigo, o caminho infalível para o inferno, caso não cumpramos as suas leis. Perdão, bondade, misericórdia estão banidas do seu arazoado.

Estes últimos utilizam as Escrituras para explorar a fragilidade de alguns, exercendo uma grave prepotência sobre os que procuram de boa fé uma palavra que lhes preencha as suas necessidades espirituais. Em vez de esperança e paz, estes irmãos levam para casa angústia, culpa, dúvida, intranquilidade.

Fazem dos crentes seus seguidores, anestesiados pela suave “melodia” dos seus discursos ou domesticados com a rédea curta do medo. Eles admiram ou temem o pregador. Reféns das sentenças proferidas, estes irmãos não chegam a conhecer a liberdade que têm em Cristo e a responsabilidade da escolha dos seus próprios caminhos, por vezes errados, mas nunca irremediáveis.

Aqueles que legitimamente põem em dúvida o conteúdo destas mensagens e exprimem uma opinião diferente e fundamentada são marginalizados e classificados como ovelhas negras do rebanho.

Algumas lideranças só admitem no seu círculo e promovem a ascensão a cargos da igreja pessoas que obedecem a critérios muito sele-



tivos, baseados no seu estatuto social, na sua potencial dimensão das suas ofertas, na sua capacidade de influência em alguns órgãos de poder secular, em vez de pessoas com sabedoria, experiência, bom relacionamento com todos, capacidade de transmitir uma palavra de ânimo ou de consolação.

Alguns irmãos que, com uma intenção pura, apresentam novas ideias para dinamizar o ministério e com isso se expõem a alguma visibilidade, são logo vistos como desafiantes da liderança da igreja.

A conversão não nos torna todos iguais. A diversidade de personalidades é uma riqueza inquestionável em qualquer assembleia. Uma coisa só é comum a todos os homens e mulheres que aceitam a salvação - de pecadores perdidos converteram-se em pecadores salvos. Essa é a única caracterís-

tica comum – pecadores salvos.

Abandonar a igreja é uma má decisão e com consequências nocivas. E a maledicência na igreja, não é? E a mentira e o falso testemunho na igreja, não são? E a prepotência dos que se acham na posse de toda a sabedoria e cortam todos os caminhos àqueles que buscam a verdade, o esclarecimento, a pureza da doutrina, também não?

### CAROS IRMÃOS QUE ESTAIS DISPERSOS PORQUE SAÍSTES DAS VOSSAS IGREJAS

- por iniciativa própria, tristes e desiludidos por observardes comportamentos indignos, impróprios da igreja de Cristo, ou porque fostes empurrados para a porta da saída com alguns desconfortos que vos criaram, porque não aderistes às “novas práticas”, e que não tenhais tido a coragem de ficar e combater:

- Deixámos muitos irmãos e amigos nas nossas igrejas que muitas vezes temos a alegria de reencontrar. A nossa comunhão, embora ferida pela ausência do encontro dominical, mantém-se, e o amor de uns pelos outros não esmoreceu.

- As razões pelas quais não estamos hoje nas nossas igrejas podem-se ter eventualmente dissipado, a realidade atual ser diferente, mas não conseguimos vencer o receio que temos de passar novamente por uma má experiência. Pior para nós, que não conseguimos vencer o estigma.

### IRMÃOS QUE ESTAIS REUNIDOS NAS NOSSAS IGREJAS:

- Não, não estamos perdidos mas ausentes, não renegámos o evangelho, não perdemos a fé. Esta outra assembleia que está fora das suas igrejas crê no Senhor Jesus Cristo, ama-O como o seu único e precioso Salvador, entrega todos os dias os seus caminhos a Ele e d’Ele tudo espera.

Temos uma incompatibilidade grave - para muitos, talvez incompreensível. Disso prestaremos contas a Deus, bem como vós o tereis de fazer pelas vossas faltas.

Nós, como vós, cremos na infinita misericórdia de Deus para nos perdoar porque a nossa causa e a vossa será defendida por um advogado imbatível, Cristo Jesus, nosso Senhor e Salvador. 

por Levi Oliveira



**M**UROS. O conceito de “muro” apresenta-se como algo tão forte que me parece impossível ficar indiferente a ele. Na sua significação, muros supõem divisão, seja ela física, espiritual, emocional, ou até de pensamento. Um conceito que faz jus ao seu significado, na medida em que pode dividir duplamente, isto é, não só, por exemplo, separar efetivamente um grupo em dois, como separar novamente os grupos, agora na opinião sobre o mesmo muro. No final de contas, haverá sempre dois partidos: os que olham para um muro positivamente e os que fazem o contrário, o meio-termo parece-me irrelevante.

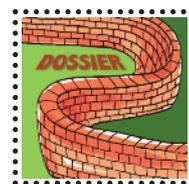
Ora, a imagem do conceito de muro tem vindo a degradar-se na opinião pública até aos dias de hoje (e parece continuar a tendência), sobretudo a partir da segunda metade do século passado, fruto de traumáticos exemplos como o Muro de Berlim, Muro de Belfast ou até o anunciado Muro de Trump. Aparentemente, hoje muros parecem ser algo ultrapassado, sem sentido e prejudiciais à humanidade, pensamento este que constitui uma definição paradoxal relativamente ao significado etimológico da palavra muro, do latim *murus* que significa basicamente “construção para defender”, sendo que a defesa é normalmente uma coisa boa. O que depreendemos daqui é que a sociedade em que vivemos, pós-moderna e decadente, quer eliminar todas as separações existentes, sejam físicas como a noção de nações e fronteiras, sejam metafísicas como o que é o bem e o mal, o certo e o errado. Contudo, nós como crentes não nos podemos conformar com isto.

## CONSTRUIR

Para a Igreja e, para cada um de nós, membros da mesma, há de facto muros a construir! E a grande muralha em que somos exortados a trabalhar vem na sequência do que vimos na parte final da (extensa) introdução: vivemos no meio de uma sociedade perversa, cada vez mais afastada de Deus e, por conseguinte, mais empenhada em destruir e distorcer os preceitos, a moral e concepções ditas judaico-cristãs. Uma geração diligente a negar Deus e a exaltar a glória humana, que despedaça a verdadeira noção de família e do que é um homem



fotosvaldcastanheira



e uma mulher, individualistas, orgulhosos e falsos tolerantes: o espelho de Romanos 1:21-32. Nós porém, Corpo de Cristo, somos chamados a viver de uma forma contrária a esta imagem negra (Filipenses 2). Aliás, não é o propósito primário da Igreja glorificar a Deus e fazê-lo através da santificação?! Ora, santificação é separação; se queremos ser santos temos de estar separados do mundo. E visto que não existe, nem deve existir, um muro físico que nos separe do mundo (até porque temos mesmo que aqui estar para glorificar a Deus com a nossa vida, alcançando mais almas para Cristo), este muro só pode ser espiritual.

Esse muro tem de ser construído e protegido a cada dia, de forma a guardar o Templo do Espírito Santo que somos, que é cada um de nós. Como observamos em Neemias (4:17), na reconstrução dos Muros de Jerusalém, “os que edificavam o muro, os que traziam as cargas e os que carregavam, cada um com uma das mãos fazia a obra e na outra tinha as armas”: construir, vigiar e estar preparado para a defesa com a nossa Espada, a Palavra. Todavia, a nossa (falo por mim) visão da batalha real, que existe e da qual fazemos parte, fica tristemente aquém da dimensão deste relato, ficando também a comparação pouco tangível e, aí, talvez o episódio seguinte do convite desonesto de Sambalate e Gesem a Neemias seja mais nítido. Sambalate, Gesem e Tobias, inimigos do povo de Deus, quando viram que a obra nos muros estava praticamente concluída, convidaram Neemias para com eles se congregarem no vale de Ono, sendo que a intenção deles era fazer-lhe mal e assim frustrar a obra. Contudo, Neemias não aceitou esse perverso convite, antes respondeu: “Faço uma grande obra, de modo que não poderei descer; porque cessaria esta obra, enquanto eu a deixasse, e fosse ter convosco?” (Ne 6:13). E quantos Sambalates, Gesens e Tobias aparecem no nosso caminho, tentando fazer-nos desviar, cessar a nossa grande obra?! Um Sambalate ao nosso lado na escola ou trabalho, um Gesem dentro de um ecrã e até, infelizmente, um Tobias dentro da nossa Igreja, desviando o nosso foco. Ora, se a nossa postura e resposta prática às pequenas ciladas que nos surgem não for tão sábia e prudente como a de Neemias, estamos a deixar que brechas se abram nos nossos muros. Não falo só de pecados em letras garrafais como o adultério, a imo-

ralidade, mentira, falo também de tendências e enganos do presente que entram mais sorrateiramente e minam não só a ti, como à tua congregação local, como à Igreja. São eles, por exemplo, o orgulho e o individualismo, ambos associados à substituição que a humanidade fez, tirando Deus do lugar de glória devida, e colocando o homem, o “eu”, nele (Romanos 1:25).

## DERRUBAR

Assim como a decadência moral e de temor a Deus vai atingindo “a cada dia” um novo auge, também o culto do “eu” alcança cada vez mais devoção (pois naturalmente estão ligados). O ser humano considera-se cada vez mais dono e senhor da sua vida, das suas escolhas e do seu futuro. Apesar de as nossas igrejas serem espaços onde a *Soli Deo gloria* (Glória somente a Deus) é um dos fundamentos, a verdade é que, individualmente, passamos muito tempo noutros contextos (trabalho, escola, televisão, internet), convivendo ou recebendo de pessoas e programas para os quais a Glória de Deus não entra na equação de vida. E fazendo isso, quer queiramos quer não, somos bombardeados clara ou subtilmente pelos ensinamentos do mundo e é por isso que o ponto anterior, Muro a construir, é tão importante. Mas como sabemos, os nossos muros não são perfeitos e está à vista que, sobretudo entre a camada mais jovem das igrejas, na qual me incluo, uma parte destes pensamentos relativos ao “eu” entrou; com maior ou menor intensidade. Falo concretamente no individualismo, que é uma tendência tão visível no mundo, o que nos deve levar a uma autorreflexão com vista a perceber individualmente o quão afetados estamos por ele.

A Igreja primitiva tinha tudo em comum - estavam juntos, comiam juntos, perseveravam juntos, conheciam e supriam as necessidades juntos (Atos 2): eram verdadeiramente dependentes uns dos outros, como um corpo (1 Coríntios 12:13-27). E daqui surge a questão: estamos realmente a agir como um corpo, estamos dependentes uns

dos outros? Isso só acontece se nos conhecermos verdadeiramente uns aos outros - passando tempo, ouvindo das tribulações e vitórias uns dos outros, etc., etc. Se assim vivermos, se assim formos Igreja, tudo é mais fácil! É mais fácil perceber onde há necessidade e supri-la; é mais fácil orar pela Igreja, pelos problemas concretos; é mais fácil corrigir e/ou disciplinar; é mais fácil crescer e caminhar porque se sabe que não se está, efetivamente, sozinho.

Há, portanto, muros a derrubar. Cada um, individualmente, deve examinar-se de modo a perceber se de facto está no seio da sua congregação, cercado ou não por uma barreira que parte de si próprio; verificar as pedras que tem de tirar de entre si e outro irmão; esquadrihar o seu coração para ver se encontra alguma sorte de orgulho ou qualquer outra coisa que o impeça de desfrutar de plena e santa comunhão.

Em suma, enquanto filhos de Deus, somos chamados à separação para com o mundo e daí advém a edificação e proteção de muros espirituais que salvaguardem a nossa santidade, a nossa fé, a noção de que mesmo estando no meio do mundo não lhe pertencemos, não o somos e, por conseguinte, vamos impedir ao máximo que os seus ensinamentos perversos entrem nos nossos arraiais. Doutrinas essas que pressupõem a glória humana em vez da do Criador de todas as coisas, como o individualismo que naturalmente cria muros entre as pessoas, entre os crentes, significando perda de comunhão e de unidade da Igreja: muros que é imperativo derrubar.

Temos portanto muros a construir e muros a derrubar, mas sabemos que sozinhos não o conseguiremos fazer. Aliás, compreendemos que é só Deus quem o pode fazer. O Deus soberano, que operou a nossa salvação, é O mesmo que edificará e derrubará, respetivamente, cada muro. Persistamos pois na oração, rogando a Deus por cada muro, seja a construir seja a derrubar, predispostos e preparados para trabalhar, pois sabemos que Ele nos quer usar para fazer a Sua vontade.

PUB



A partir de 28 de Setembro estará à venda online. Para obter o físico podem contactar-me 917781783

O Tempo Certo começou finalmente a ser gravado no final do ano de 2012. Logo de seguida em 2013 foi-me diagnosticado cancro. Entre a luta para resistir à doença, tratamentos e gravações, muitas foram as vezes que quis desistir. Porém a Bíblia fala-nos do amigo mais chegado que um irmão. Deus pôs ao meu lado o amigo e irmão Jacas o qual produziu o trabalho e me encorajou a não desistir.

O álbum tem vários originais meus, do Jacas, Tiago Santos e Mário Santos os quais transmitem uma mensagem de Esperança em Deus. O meu mais profundo desejo é continuar a espalhar a palavra de Deus através do canto.

O Senhor é a minha força e o meu cântico, porque Ele me salvou. Salmos 118-14





Convidámos quatro arquitetos das nossas comunidades, pois quem melhor do que eles para nos dar uma perspectiva mais abrangente sobre a importância de um muro e explicar que um muro serve para separar mas também pode unir, e mesmo sendo feito com pedras de tamanhos diversos e materiais diferentes se o encaixe for “perfeito” o muro poderá durar séculos. Acreditamos que o leitor fisicamente já derrubou mais muros de que construiu. E na sua comunidade por exemplo qual é a sua percentagem. Mais derrubes ou construções?

# 4 arquitetos

**Como pseudo-arquiteto**, se me perguntassem o que trabalha este meu futuro ofício, eu diria “espaço”. O arquiteto não faz paredes (ou muros) mas gera espaço através da manipulação das mesmas. É apenas uma pequena nuance que tem, contudo, grandes implicações para o tema que trabalhamos: “Muros”. Um muro é, sem sombra de dúvida, uma obra construída que separa e divide. Mas é também uma obra que cria dois novos espaços. Depende então da perspectiva. As divisões são muitas vezes faladas num tom pejorativo. Mas são muitas vezes também necessárias. São inúmeros os episódios que ao longo da vida nós assistimos, onde o separar de algo ou alguém é benéfico. Eis a metáfora que vos trago. Contudo, a aplicação desta mesma metáfora já é algo mais complicado de se fazer, porque é relativa. Em diferentes momentos da nossa vida teremos que construir ou destruir estes mesmos muros. Teremos que nos separar ou unir a algo. Falta-me, porém, adicionar uma personagem: Deus. Deus é quem nos dá e dará a sabedoria para saber o que fazer. O que nos compete a nós é em tudo louvá-LO e glorificá-LO e que estas obras erguidas ou desfeitas sirvam para isso mesmo.

**Pedro Aguiar/Arquiteto**

**A Bíblia parece ser** estranha a blocos e tijolos da era industrial. Julgo que não fala de betão ou de algo parecido. Certamente que não menciona betão combinado com aço. O Livro fala, no entanto, de vários muros e percebemos que, na sua maioria, principalmente os mais importantes, eram feitos de pedra. Eram também isentos de colagens entre as juntas, porém convém dizer que tal facto, do ponto de vista da solidez dum muro, não constitui per se uma vantagem. Claro que é mais económico (mais rápido), mas estou a tentar falar dum muro ideal: a única característica que importa é a sua solidez a longo prazo. Mas, então, que preceitos tem de ter um muro de pedra para se tornar o mais sólido e duradouro possível? Antes de responder, proponho que nos lembremos da comparação feita no Novo Testamento – Jesus como sendo o fundamento e até a pedra de esquina (a qual costuma ser a primeira pedra) numa edificação na qual os crentes são as “pedras vivas”. Agora, sem me ocupar do fundamento (outro tema) e sem explicar demais, diz a experiência que há duas condições gerais favoráveis à solidez dum muro de pedra as quais, por razões geométricas, dependem uma da outra. Primeiro, as pedras devem de ser irregulares no tamanho e na forma. Pedras grandes são muito importantes para a massa do muro. Colocadas no sítio certo, estabilizam o muro diferentemente. Pedras pequenas são fundamentais para o travamento de movimentos mínimos de todo o tipo. Por sua vez, a irregularidade da forma das pedras permite maior superfície de contacto entre as pedras (mais atrito entre as juntas). Contraditório? Lembre-se que isto é um muro perfeito: envolve muito trabalho. Trabalho de mestre, pois a segunda condição muito favorável à solidez seria o encaixe perfeito entre as pedras. De tal maneira que não se consiga espetar um palito entre as juntas. Bem, será irrealista pensar que um construtor encontre pedras naturais que encaixem perfeitamente umas nas outras. Não há duas pedras iguais, pelo que logicamente há muito trabalho pela frente. Ele aproveita, no entanto, a forma e tamanho originais de cada pedra, retifica um pouco (o suficiente), faz aqui e ali um encaixe novo, ali onde já se encontrava uma reentrância, acentuando as formas antigas, que se tornaram novas. E trabalhando muitas pedras simultaneamente, o construtor prossegue construindo a sua obra eterna...

**Pedro Lourenço/Arquiteto**

**A edificação de um muro** é a forma primeira de delimitação de um território. O Homem delimita território para sua proteção, para defesa do que é seu, por medo de perder o que conquistou. Erguer um muro é, assim, uma expressão física, gesto construído para salvaguarda do que considero meu, daquilo que possuo e que sustenta materialmente o meu eu. Na caminhada da vida, erguemos progressivamente muros para defesa do nosso eu. Ocultamos determinadas áreas da nossa vida e julgamos poder dessa forma esconder o nosso pecado de Deus e dos nossos pares, com medo de revelar quem verdadeiramente somos e de perdermos o estatuto ou imagem que falsamente projetamos de nós próprios. Assim, os muros da vida são barreiras à verdade, que nos impedem de chegarmos de coração aberto a Deus e de nos relacionarmos com plena sinceridade com os outros. O novo nascimento a que Cristo nos chama é um processo de demolição dos muros da vida, das barreiras que fomos erguendo para proteção do nosso eu, para ocultação do nosso pecado. Deus quer que derribemos todos os muros e que revelemos abertamente o território da nossa vida. A desconstrução dos muros é a construção de uma nova vida sem medo da verdade.

**Tiago Santos/Arquiteto**

**Em 2015, tive a oportunidade** de visitar Derry e Belfast na Irlanda do Norte, as cidades mais afetadas pelo conflito entre Católicos e Protestantes nos meados de 1960 até 1998. Ainda hoje a tensão é diária, revelando-se através de muros altos que separam os bairros católicos e protestantes, denominados Linhas de Paz. Atravessam quintais ou evidenciam-se ao longo de estradas principais. A paz faz-se com muros e a religião é usada como uma ferramenta política para justificar o

conflito. Nos aglomerados onde moramos, assistimos diariamente à existência de muros sociais, étnicos e culturais, evidenciando divergências muitas vezes históricas que se refletem ainda no presente. São muros que, não se revelando fisicamente, afetam o bem-estar de comunidades, seja à escala de uma cidade, de um bairro, de uma igreja ou de um lar. Os muros nascem do excesso de fundamentalismo e religiosidade deturpada que marcam a sociedade onde vivemos, através do preconceito e do estereótipo. O Evangelho não nos mostra como viver num constante excesso de religiosidade nem de fundamentalismo, mas sim a sermos ativos numa sociedade em desequilíbrio. Ensina-nos a derrubar muros, evitando preconceitos étnicos, sociais ou culturais e agindo em consciência do mundo que nos rodeia.

**José Filipe/Arquiteto**

# EVANGELHO CONSTRUIR AMOR COM AMOR UMA VISÃO SOCIAL

por António Marques

**INTRODUÇÃO:** As pessoas gostam de parecer importantes.

**I**DENTIFICAMO-NOS com pessoas importantes mas não com os desfavorecidos; quando se vê um bêbado, um toxicodependente, um pobre esfarrapado, sai-se de perto, mas atravessa-se a rua para cumprimentar alguém importante segundo a nossa sociedade.

É produto da mentalidade pós-moderna, gerada por reação à era moderna. Esta foi marcada pela crença no homem, na razão e no progresso. O homem económico liberal com seu “super poder”, a Razão, irá criar, ele mesmo, um mundo ideal, previsível, determinado, organizado, racional e ordenado, condições essenciais para se atingir a felicidade.

Mas o séc. XX veio provar a falência destes ideais: grandes colapsos e mortes em massa gerados pelas guerras, acidentes ambientais tremendos, atrocidades, escravidão, etc. A Razão começou a perder a razão, a ordem gerou o caos e o progresso, que prometia uma viagem à felicidade, parecia o trilho para o fim do mundo. O homem passou a questionar-se sobre as virtudes quase divinas que atribuía a si mesmo. A euforia do progresso deu lugar à incerteza quanto ao futuro, o otimismo cedeu lugar ao ceticismo pós-moderno.

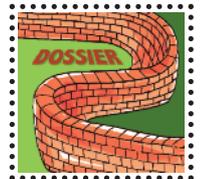
A pós-modernidade radicaliza a crítica à razão, acusando-a de sacrificar a realização dos indivíduos à lógica repressiva e totalitária do sistema. Esta perspetiva anti-moderna e anti-racionalista toma o partido do sujeito contra a sociedade, desligando-o das instituições, fechando-o sobre si mesmo com os seus objetivos, gerando individualismo.

Gera-se uma busca constante pelo desenvolvimento tecnológico, busca voltada para a construção de uma sociedade de consumo, materialista, hedonista, mais preocupada com o ter do que com o ser. A hierarquização social sob regras estabelecidas a partir do poder de consumo é reconhecida já desde crianças. O poder de compra dos pais, demonstrado pela qualidade dos aparelhos eletrónicos levados para a escola, cria uma hierarquia social tecnológica, onde quem possui mais está acima dos demais. Consumir, ter, satisfazer-se imediatamente, perpetua o sistema materialista, é um ciclo vicioso.

E nós, cristãos, vivendo nesta sociedade, como somos? Quanto fomos influenciados? Ser cristão deveria significar seguir Cristo. Como era Ele nesta matéria? Mat 11:2 a 6.



fotosvaldocastanheira



Contexto: Em todo o conjunto de versículos desde o início do cap. 11 até ao fim do cap. 12, estão sempre a ser reveladas provas de que Jesus é o Messias.

## 1 DIVINDADE EM QUESTÃO VS. 2 E 3

O que há-de vir, por causa das profecias, era título indicativo do Messias. João suspeitava que Jesus era o Messias, mas não tinha a certeza, pelo que tratou de enviar os seus discípulos, para que Ele lhes desse respostas conclusivas.

O nosso cristianismo também está sempre a ser posto em causa, o que resolve isso?

## 2 AS PROVAS VS. 4 E 5

Nas provas incluem-se as curas e os diversos milagres evidenciando poder e, igualmente, o facto de que o evangelho era anunciado aos pobres, os menos pretensiosos e com maior consciência de necessidade espiritual.

João deveria reconhecer particularmente esta questão, ele não fez milagres, não tinha esse poder, mas tinha a visão e desenvolveu este ministério de pregação aos pobres.

Vários textos bíblicos mostram bem que estes são mais sensíveis, devido à sua humildade, e apresenta mesmo como improvável a salvação dos ricos, centrados nos seus bens, suas capacidades, sua auto-suficiência, na sua importância; quem não se lembra do manco rico, ou da referência aos ricos, sábios, importantes entrarem no reino dos céus?

Lucas 4:18 cita Isaías 61:1 mostrando Jesus como o cumprimento da profecia, mais propriamente o seu ministério a favor dos aflitos: pobres, cativos, cegos e oprimidos.

Nós somos filhos do Seu reino de compaixão e amor, fomos gerados por isso, devíamos querer partilhar a Sua visão. É fundamental que apresentemos provas de sermos filhos, tal como Ele provou a João. Precisamos desesperadamente de um coração e de uma consciência cristã, apaixonados pelas almas, desejosos de amar e cuidar dos pobres, dos necessitados, dos desprezados, dos marginalizados pela sociedade. Temos que ser impressionáveis com o seu sofrimento e as

suas necessidades e, pela demonstração de amor, poder vir a anunciar o evangelho.

### 3 Assumindo o cristianismo vs. 6

Jesus fala da felicidade. Nós, hoje, contaminados por esta sociedade de consumo, achamos que felicidade depende de termos saúde e de nos sentirmos importantes com o que temos. Mas devíamos saber que a verdadeira felicidade acontece quando no podemos sentir profundamente bem, na alma, devido ao Espírito; por isso Jesus diz: feliz o que não se escandalizar de Mim, como forma de garantir paz e confirmação interior de estarmos a fazer a coisa certa.

João tinha duvidado e isso fez Jesus emitir uma mensagem de reprovação. João devia ter a convicção certa sobre esta questão, conhecedor do que se esperava do Messias.

Juntamente com o coração pelos necessitados deve vir a identificação com Cristo através da Sua proclamação, evangelizando, pois essa é a principal necessidade humana.

### 4 UMA CONSCIÊNCIA SOCIAL REAL

Desde os mandamentos do VT que vemos os pobres no coração de Deus, por ex. Êx. 23:11: o ano de poiseio da terra foi planeado por Deus para eles poderem colher livremente, matar a fome e guardar para sua sobrevivência; Deut. 15:4 fala de não fazer sentido existirem pobres no meio do povo de Deus.

Prov. 14:31 diz que quem prejudica os pobres irrita o Criador e que aquele que cuida deles O honra. Nesta visão de Deus, aquele que é Seu filho precisa de tomar a posição sábia e que honra o Seu Senhor. Trata-se sem dúvida de consciência social real, mais propriamente de amor pelos pobres e desfavorecidos.

II Cor. 9:9 Como está escrito: Ele deu generosamente aos pobres. A Sua bondade permanece par sempre.

Durante a exortação de Paulo aos coríntios, a propósito de dar com generosidade, expressando verdadeiro amor pelos crentes de Jerusalém, cita o Salmo 112:9 e usa como exemplo do amor que faz sentido, o amor em ação, revelado exemplarmente na graça do Senhor Jesus Cristo. Não se tratou de palavras, nem de perdão facilmente concedido, mas de uma ação prática de total entrega ao amor, de extremo sacrifício.

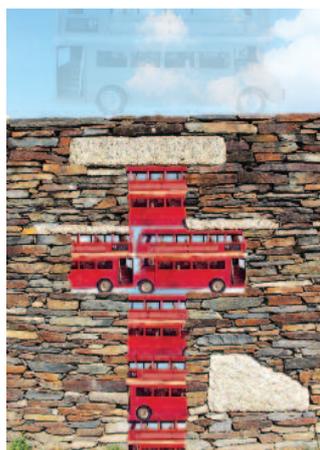
Cristo, além de ter um amor prático, não veio identificar-se com ricos e poderosos, mas com os pobres, Ele mesmo nasceu humildemente, era de uma família judaica normalíssima, desafiou os Seus seguidores a viverem sem concentração ou preocupação com o material, desprezidos, sem garantias e preocupados com os outros. No seu ministério preocupou-se, tinha uma bolsa de donativos para auxiliar os pobres, como se vê nas palavras de Judas aquando da unção de Jesus por Maria.

Conviveu com pecadores, prostitutas, cobradores de impostos, samaritanos, salvou um criminoso na hora da morte, enfim, os marginalizados que amou e por isso O amaram.

Esta citação de salmos é importante pelo contexto, trata-se de um salmo que fala da felicidade que há para aquele que teme ao Senhor e se deleita em cumprir os Seus mandamentos. Deus abençoa o tal, até materialmente.

Todos nós devíamos ter uma consciência assim, desejosa de realizar boas obras a favor dos necessitados, provando sermos filhos de Deus com um amor real.

O Departamento missionário, lembrando o exemplo perfeito de Cristo, de amor em ação, quer usando os donativos para auxiliar os pobres, quer interessando-se pelos necessitados, quer no calvário, deseja partilhar esta visão de termos uma consciência social assim, desejosa de realizar boas obras a favor dos necessitados, provando sermos filhos de Deus. 



## Exemplo recente da **CONSTRUÇÃO DE MUROS** na Grã-Bretanha

A principal organização muçulmana do Reino Unido pediu que as autoridades proibam o pastor Franklin Graham, de visitar o país no final do mês de setembro para um evento evangelístico na cidade de Blackpool. Anteriormente, o evento havia sofrido críticas de organizações LGBT.

O Conselho Muçulmano da Grã-Bretanha (MCB), uma organização que reúne centenas de grupos muçulmanos, deu o seu apoio a pedidos de três membros do parlamento e "opinion makers" para negar ao pastor um visto para pregar em Inglaterra.

Conforme aconteceu em Portugal, Franklin Graham, filho do evangelista Billy Graham, tem um evento chamado "Festival Time for Hope" agendado para a cidade de Blackpool, no noroeste da Inglaterra.

Segundo informações da revista Newsweek, os seus oponentes dizem que ele incitou o ódio aos muçulmanos e à comunidade LGBT, e não deveria ser permitido entrar no país. A declaração, dada ao portal The Guardian, acrescenta que os muçulmanos têm expectativas que o seu pedido seja levado por diante: "Esperamos que o governo aplique os seus critérios neste caso. Se isso não acontecer, está a enviar uma mensagem clara à população de que não é consistente em desafiar todas as formas de intolerância".

A Blackpool Transport empresa de transportes da cidade publicou um comunicado a informar que, devido à reclamação generalizada dos grupos LGBT, se viu obrigada a cancelar a colocação dos anúncios e informou que devolveria os valores investidos.

A expectativa é que durante os três dias de festival, o pastor Franklin Graham concentre a sua mensagem no Evangelho, mas parte dos moradores da cidade reclamaram e expressaram oposição ao evento por causa das convicções do evangelista em temas como a união de pessoas do mesmo sexo e o islamismo.

Franklin Graham é um conhecido conservador, apoiante do presidente Donald Trump, e denuncia constantemente a perseguição religiosa sofrida por cristãos em países onde a religião islâmica é maioria ou dita as leis.

Jane Cole, diretora administrativa da Blackpool Transport, aprofundou um pouco mais a sua decisão de retirar os anúncios dos autocarros: "A Blackpool Transport é uma orgulhosa apoiadora das comunidades LGBT e de forma alguma pretendemos causar qualquer tipo de sofrimento ou confusão", afirmou.

Esta não é a primeira vez que um evento com Franklin Graham sofre pressão ou boicote. No Canadá, a Cruzada Minha Esperança foi boicotada em 2017 pois as lideranças cristãs locais consideram a sua visão sobre a homossexualidade "muito radical".

Respondendo à controvérsia, Graham afirmou que o seu evento em Blackpool não é para pregar contra o islamismo ou os homossexuais: "Eu não venho para pregar ódio, estou aqui para pregar sobre o Salvador, Jesus Cristo que pode fazer a diferença nas nossas vidas se depositarmos a nossa fé e confiança n'Ele", afirmou Graham.

"Nós não estamos aqui para pregar contra ninguém, estamos aqui para falar sobre Deus", enfatizou o pastor e evangelista.

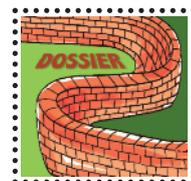
Franklin Graham acrescentou que, décadas atrás, o seu pai também sofreu oposição ao pregar o Evangelho em eventos no Reino Unido: "Tentaram impedi-lo. Estava num barco em Southampton e havia petições para o impedir de vir, e alguns membros do parlamento estavam contra ele", disse, concluindo que o próprio Jesus Cristo "ofendeu muitas pessoas" e que o Evangelho "ainda ofende as pessoas hoje" por denunciar o pecado. 

# OS MUROS... LÁ FORA E CÁ DENTRO

por Alfredo Abreu



fotosvaldocastanheira



**Apesar dos avanços tecnológicos e civilizacionais (ou por causa deles?) a construção de muros não pára de acontecer, isto depois de ainda há pouco tempo milhões terem celebrado por todo o mundo o momento tão cheio de ilusão e simbolismo que foi a queda do muro de Berlim. Por estes dias muito se tem falado da construção de um muro num dos países mais diversos e influentes do planeta, os EUA. A pressão demográfica, os conflitos e guerras, as catástrofes naturais e ambientais e os fluxos migratórios cada vez mais intensos parecem estar a contribuir para uma nova era de levantamento de barreiras físicas e legais que constriam e impeçam a circulação de pessoas.**

## O ESTADO COMPLEXO E IMPREVISÍVEL DO NOSSO MUNDO

A natureza humana não mudou substancialmente ao longo da história: continuamos em rebeldia contra Deus, querendo impor a nossa própria vontade a Ele, aos outros e à restante criação; continuamos a agir ora como ditadores, ora como escravos, desejando a paz e fazendo a guerra; continuamos obcecados com a sobrevivência e contribuindo para a destruição. Mas, embora a natureza humana não tenha mudado, a nossa capacidade de deixar uma marca esmagadora no planeta é agora imensamente maior e mais assustadora.

Nunca como hoje houve tantos seres humanos a viver simultaneamente na Terra; os meios de transporte e comunicação criaram a tão falada “aldeia global”, interligando os destinos de toda esta gente de forma inimaginável há apenas 50 anos; a capacidade tecnológica anuncia novas possibilidades, ao mesmo tempo que torna possível a destruição massiva da humanidade; o esfarelamento de valores e balizas éticas e morais deixa um vazio instável e potencialmente explosivo na gestão do bem comum; e há uma intensidade vivencial extrema e ainda em crescendo que pode tornar a vida da maioria de nós verdadeiramente insustentável. Neste cenário nada é definitivo e seguro, praticamente tudo pode acontecer. E isto tudo gera medo, muito medo, em muita gente. Só não há mais medo e retração porque também há muita distração, ilusão e alienação. Mas, mesmo assim, há condições favoráveis à construção de cada vez mais muros, de todos os tipos e dimensões.

## QUANDO A IGREJA TAMBÉM CONSTRÓI MUROS

Um dos muros que sempre tem tendência a erguer-se é o muro que separa a igreja da sociedade. Este muro, cuja edificação começou há séculos (embora lhe passem por baixo muitos túneis, fruto de uma fraca metanoia e do forte canto da sereia dos tempos), continua a ser trabalhado com relativo afinco e resulta (sempre) do mesmo fator: o medo. Muitos crentes e comunidades têm medo e reagem defensivamente por se sentirem sitiados nas suas crenças, por sentirem que estão a perder a voz e o acesso ao poder público e a preservação da ordem com que se sentiam confortáveis e seguros, por se sentirem

**D**E FACTO, quando falamos do mundo em que vivemos não podemos deixar de falar dos muros com que o temos vindo a povoar ao longo da história. Desde os castelos e fortificações, ainda tão presentes nas paisagens de Portugal, até aos muros mais recentes na Palestina, nos EUA ou aqui bem perto no Norte de África, passando pelas “cortinas” de ferro ou de bambu, os muros são erguidos pela necessidade que as pessoas e as sociedades sentem de segurança e preservação do seu *modus vivendi*. O objetivo dos muros é manter outros do lado de fora, ao mesmo tempo que se procura um espaço exclusivo ou controlado para o desenvolvimento de um projeto de vida próprio.

Os cristãos podem e devem buscar o olhar de Cristo sobre este tema. Começemos por reparar que os muros de que falam os nossos noticiários não são mais do que uma manifestação visível de uma realidade invisível que vamos construindo dentro de nós mesmos, fruto da insegurança, medo e desejo de proteger o que é nosso ou que queremos só para nós, seja a nossa riqueza material ou a nossa pobreza humana. Logo aqui vamos eventualmente encontrar algumas dissonâncias com o olhar do Mestre e Senhor. Jesus não tinha medo nem sentia a necessidade de se proteger ou defender, ainda que motivos não lhe faltassem...

ameaçados de rejeição e da eventual penalização pelos que não os entendem ou aceitam a sua identidade e visão do mundo. O medo de quem assim se sente gera uma atitude defensiva, um desejo de recuperação de outros tempos em que se sentiam mais influentes e ditavam as regras, em que a agenda e os comportamentos eram mais condizentes com a sua leitura da Palavra e da história. A desvalorização e marginalização da igreja, a rejeição de muitas das suas propostas e posturas, tem vindo a aumentar o sentimento de medo e as reações que o acompanham neste lado do mundo onde habitamos e onde a cristandade está em estado terminal. A igreja tende a entrincheirar-se dentro dos muros com que procura proteger-se.

Será interessante considerar que o medo na igreja e a construção de muros que esta constrói à sua volta não está presente noutras paragens onde o cristianismo sempre foi minoritário e perseguido. Tal como no tempo de Cristo e dos apóstolos, ainda que a cultura geral e mesmo as autoridades sejam extremamente desfavoráveis e até combatam a igreja de formas brutais e cruéis, não vemos a igreja ali com medo nem intimidação. Isto dever-se-á à sua visão da realidade que vai muito para além da dos seus contemporâneos. Ou seja, a igreja não está a ler a realidade da mesma maneira que os académicos e comentadores que fazem ou seguem a agenda mediática sem qualquer base bíblica, sem o olhar “do Alto”. Foi por isso que a máquina de política e de guerra de Roma estremeceu e acabou por capitular perante grupos que nada mais tinham que uma convicção profunda, um novo olhar, e uma nova agenda.

#### DO MEDO E REATIVIDADE À OUSADIA E PROATIVIDADE

A igreja, por natureza, deveria estar desalinhada com o pensamento e práticas convencionais, constituindo-se em fator de desafio e provocador de alguma insegurança às forças encasteladas no que de mais básico e reacionário há na humanidade: o egoísmo, a ganância, a sede de poder e a sobrevivência a qualquer o custo. Mas ela acaba tantas vezes por se sentir desafiada, atacada e à defesa perante essas mesmas forças. Receio que isto se deva menos às crenças fundamentais da fé cristã, que são e continuarão a ser a proposta mais ousada e desafiante, e se deva mais à cultura que vamos construindo à sua volta e que se torna, tantas vezes, seu substituto-ídolo. O que seria de esperar é que a sociedade se sentisse remetida à defesa ante a ousadia da igreja. Dizia-se dos seguidores de Jesus: “Estes que têm alvoroçado o mundo chegaram também aqui” (Atos 17:6). Estará a igreja ocidental contemporânea a “alvorçar” a sua geração ou a lutar por uma pax romana que lhe garanta conforto, reconhecimento, “segurança”?

Na paráfrase bíblica “A Mensagem”, em Efésios 1:20-23 lemos: “Toda essa força vem de Cristo. Deus o levantou da morte e o estabeleceu num trono, nos altos céus, no governo do Universo — tudo, das galáxias aos planetas, de forma que nenhum nome, nenhum poder está fora do alcance da sua soberania. E isso não é provisório: será assim para sempre. Ele está no comando de tudo e tem a palavra final a respeito de tudo. No centro de tudo, Cristo governa a igreja. A igreja não é periférica em relação ao mundo, o mundo é que é periférico em relação à igreja. A igreja é o corpo de Cristo. Por esse corpo ele fala, age e preenche tudo com a sua presença.”

Por tudo isto, em vez do medo e parálise, a igreja é chamada à ousadia e à espera ativa pelo reinado de Cristo; deve fazer todo o oposto de construir ou apoiar a construção de muros. Não lhe mete medo nem a incompreensão, nem a rejeição dos outros. Não se refugia, fechada a sete chaves, mas vai ao encontro, mesmo e sobretudo do desconhecido. Não defende os seus privilégios, confortos e “segurança” mas vai em amor até ao centro da Cidade, onde se expõe e vulnerabiliza com os que esperam e desesperam pela justiça, pela libertação, pela paz-shalom.

#### QUEM QUISER SALVAR A SUA VIDA PERDÊ-LA-Á...

Jim Elliott e os seus amigos e famílias sabiam da possibilidade de serem mortos (como foram) por quem não conhecia nem estava aberto a reconhecer a igreja e a sua proposta de uma nova sociedade. Mesmo assim não deixaram de ir, por amor a Deus e ao próximo. Seriam ingénuos, tolos, loucos? Disse Elliott: “Não é tolo quem dá o que não pode guardar, para ganhar o que não pode perder.”

O medo tem muito a ver com a ânsia da autopreservação. Mas de que nos vale ganhar mais uns anos de vida e perder a nossa alma? (Mateus 16:25) Ao invés da segurança ilusória dos muros e fortificações, dentro de nós, nas nossas comunidades de fé, ou nos nossos países, sejamos construtores de pontes, por onde circulem livremente o perdão, o amor e a Vida. Afinal, não é para isso que fomos escolhidos, chamados e equipados? Dos muitos Salmos e outros textos da Palavra de Deus onde há um bom antídoto contra os medos e os muros meditemos neste, que nos aponta o único lugar seguro:

Salmo 62:6 “Só em Deus encontro paz; dele vem a minha esperança.  
7 Só Ele me protege e salva. Não serei abalado, porque ele é o meu refúgio.  
8 De Deus dependem a minha salvação e honra; Ele é a minha protecção e o meu refúgio.  
9 Que todos confiem sempre n’Ele e lhe falem com toda a confiança!

**Deus é o nosso refúgio!”**



**Edward da Luz**  
em Portugal

Na sequência da apresentação em Luanda, aquando do 3º Encontro de Irmãos da CPLP, da triste realidade da diminuição de igrejas e frequência dominical aos cultos evangélicos nos últimos anos em Portugal, o Irmão Edward da Luz disponibilizou-se para vir a Portugal e pregar o Evangelho, desafiando as igrejas a envolverem-se mais e mais na evangelização da nossa pátria. Segue-se listagem das igrejas onde estará

presente o nosso irmão.

23/09 - Sintra  
28 e 29/09 - Omeca  
30/09 - Igrejas de Lisboa em Ação-Beato  
05 de Outubro ENI 2018 Fanhões  
07/10 - Coimbra Sota  
09 a 12 e 14/10-Igrejas da Beira Vouga.  
13/10 - CIIP Norte, Porto  
20 e 21/10 - Marinha Grande

## 6ª LIÇÃO

**LIÇÃO 6 DE UMA SÉRIE DE 8**  
**“O QUE PODE A IGREJA**  
**FAZER PELOS NOVOS**  
**CASAIS QUE VÃO SER**  
**PAIS”?**

## SUSTENTO & FINANÇAS

**L**EMOS NO NÚMERO ANTERIOR acerca de como a amamentação é a melhor forma de alimentar saudavelmente os nossos bebês. Como pudemos aprender, alimentar os nossos bebês de forma correta traz muitos benefícios para eles, mas também para o casal. Em especial, mais saúde para a mãe. Se a mãe for saudável está capacitada para ser uma melhor esposa em vários aspetos: mais alegre, mais disposta, mais motivada, sexualmente mais predisposta, etc. Claro que o marido também beneficia com tudo isto e, até mesmo economicamente, amamentar é significativo.

### FALAREMOS AGORA ACERCA DE FINANÇAS NA FAMÍLIA

A vida tem um sentido maior e mais profundo quando damos valor à fonte que nutre o nosso “homem interior”. Quem consegue ter uma família funcional e bem estruturada, tem uma fonte que supre constantemente a área emocional, física e espiritual e isto faz toda a diferença. As pessoas que vivem em famílias bem estruturadas e bem-sucedidas são, normalmente, bem-sucedidas na escola e no trabalho.

A primeira instituição que Deus fez foi a família e o Seu propósito é que cada família seja feliz. É por esta razão que, com frequência, precisamos de fazer uma avaliação para perceber se estamos a cumprir o propósito para o qual fomos criados.

Alguém disse um dia: “Ou nós governamos e usamos o dinheiro ou o dinheiro governa-nos e usa-nos.”

O dinheiro é um assunto muito importante. Os desajustes, conflitos e falta de objetivos comuns entre os casais têm trazido dificuldades, levado muitos casais à separação e conseqüentemente à destruição da família. Em geral, a razão principal deste conflito não é o dinheiro em si, mas o controle e o uso do mesmo.

É notável a força do consumismo, as necessidades criadas pelos especialistas de marketing e o forte apelo da publicidade e das “ofertas” constantes dos saldos conduzindo as pessoas a comprarem o que não precisam. Esta febre de consumismo tem levado muitos casais à bancarrota, desequilibrando a vida financeira e provocando em algumas famílias a destruição do lar devido a um único fator: o mau uso do dinheiro.



por  
**Leta Farinha**

Precisamos de procurar viver uma vida livre das pressões do mundo, imune aos diversos apelos de marketing: uma vida de verdadeira liberdade. Faça do seu dinheiro o seu servo e não a sua fonte de segurança.

Temos falado anteriormente acerca da necessidade de uma comunicação aberta. O que devemos fazer em relação ao dinheiro?

1. O casal precisa de decidir conjuntamente como serão feitas as decisões financeiras da família.
2. Será muito bom fazerem um orçamento flexível, juntos.

O nosso emprego deve ser encarado como uma oportunidade de facilitar mais a nossa vida e não como um peso que temos de carregar. É através do trabalho que os pais oferecem aos filhos o que é necessário para suprir as suas necessidades físicas. Tendo garantido esta parte podemos então satisfazer as necessidades espirituais e emocionais. Há um provérbio alemão que diz que Deus sustenta os passarinhos, mas não lhes atira a comida para o ninho. Isto ensina-nos que é necessário o esforço, mas com boa atitude e alegria.

### ALGUNS PRINCÍPIOS ACERCA DE FINANÇAS

Uma família cristã normalmente tem o seu sistema de valores baseado no que a Bíblia ensina:

- Peçam orientação a Deus para utilizar o seu dinheiro. Se pusermos Deus em primeiro lugar na nossa vida, as outras coisas serão acrescentadas. Mat. 6:33.
- Distingam entre necessidade e desejos. Filip.s 4:19
- Tenham atitude sincera ao ofertar na casa de Deus. 2ª Cor. 9:7
- Se já têm um orçamento escrito, façam o propósito firme de ficar dentro do orçamento.
- Estabeleçam uma escala de prioridades daquilo que é necessário comprar.
- Considerem se é necessário um trabalho extra para não contrair dívidas.
- Estejam satisfeitos com o que têm. 1 Tim. 6: 5 e 6
- Se for necessário, estabeleçam cortes.
- Abandonem o supérfluo.
- Evitem fazer empréstimos.
- Tenham cuidado ao ficarem por fiador de alguém.
- Não desistam.

## FAÇAM DEUS O VOSSO PARCEIRO NOS NEGÓCIOS.

Porquê falar de Deus quando o tema é relacionamento familiar e dinheiro?

Porque fomos criados para viver em união com Deus. Conseguimos atingir o nosso melhor potencial quando cooperamos com Deus. Aqueles que procuram a sabedoria divina e tomam decisões financeiras com base nos princípios revelados na Bíblia evitarão muitas dores de cabeça. A conversação diária com Deus e a busca da Sua sabedoria tornam-nos mais produtivos, não somente em termos financeiros, como em todas as outras áreas da vida.

### POUPAR E INVESTIR

Em geral poupamos com um objetivo previamente estabelecido: pode ser a compra de uma casa, de um carro ou uma viagem. Mas o que é investir? Às vezes pensamos que é só fazer algo que possa render mais dinheiro, mas há várias formas de investir. Se fazemos algo que pode melhorar a nossa saúde ou prevenir doenças e gastamos algum dinheiro, podemos considerar isto como um investimento. O dinheiro que gastamos na faculdade dos filhos, por exemplo, é um investimento.

Infelizmente, a nossa sociedade é caracterizada pelo consumismo. Muitas pessoas não são ensinadas a poupar para o futuro. Para cada anúncio de televisão que nos aconselha a poupar, há cinquenta que

nos convencem a gastar o dinheiro. Um professor de matemática perguntou ao seu aluno: “Se o teu pai tivesse poupado 20 euros por semana durante um ano inteiro o que teria ele agora?” O estudante respondeu: um iPod, um fato novo e mobília nova. Claro que não era esta a resposta que o professor esperava, mas esta era a mentalidade do estudante e do pai.

### Gostaria de terminar lembrando alguns aspetos:

Tudo começa com uma atitude e a vossa relação é mais importante do que o dinheiro. Os dois formam uma equipa e precisam de reunir esforços para trabalhar em conjunto a gestão das finanças.

O trabalho é um empreendimento nobre. Faz parte do plano divino e é através dele que o casal supre as suas necessidades materiais e as dos seus filhos. Confiamos em Deus, o dinheiro deve ser o servo e não o dono.

Poupar é um sinal de sabedoria. É um passo importante e responsável na gestão do dinheiro. É uma virtude estar preparado para períodos de dificuldade como para momentos de abundância.

Vale ainda a pena lembrar que o dinheiro pode ser usado para proporcionar mais conforto, mas é incapaz de garantir um casamento bem-sucedido. Só uma vida onde Deus tem prioridade, uma vida justa com amor, paciência, gentileza e compaixão pode gerar relações significativas.

# “GÉNESIS” fundações em construção

No seguimento de um artigo publicado no número 168 - Jan/Mar de 2018 intitulado a IGREJA NO LIXO, referia no final a necessidade da criação de um Centro de Documentação e Interpretação Evangélico e como cada um poderia participar. Por falta de espaço o artigo não teve continuidade no número seguinte mas teve algumas embora pequenas repercursões que se fizeram sentir através da doação de fotos, folhetos, livros e outra documentação de muito interesse para este centro que em conjunto com o espólio da Igreja da Beato representa, para já, muitas centenas de documentos e materias, por exemplo, materiais audiovisuais antigos também recebidos como oferta. Houve igualmente uma igreja que ofereceu alguns armários para

guardar devidamente toda esta documentação e outra que estou certo virá a aparecer.

A minha proposta é que este centro seja denominado de GÉNESIS- Centro de Documentação e Interpretação Evangélico esperando o apoio da CIIP e igrejas agregadas bem como quaisquer outras que

se queira juntar para colaborar neste projeto através da recolha e entrega de documentação ao “Génesis”.

### Para tal poderão contactar

na região Norte o irmão João Tomé:

joaoptome@gmail.com

ou a Sul, Osvaldo Castanheira:

osvaldesign@gmail.com

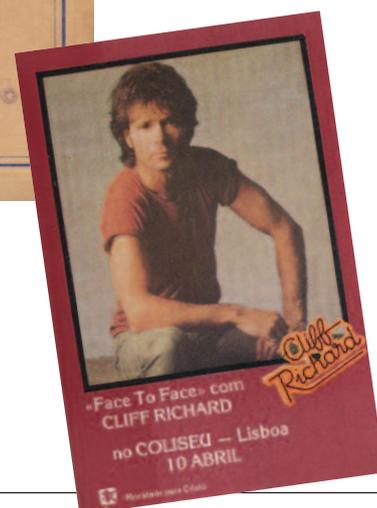
Concerto de Cliff Richard organizado pela “Mocidade Para Cristo” no domingo

**10 de abril de 1983**  
às 17 horas no Coliseu dos Recreios de Lisboa  
(autocolante)



Livro nº 1 de “Coros Evangélicos” editado pela “Mocidade Para Cristo” no ano de **1951**.

Composto e impresso na Tipografia Morais na Marinha Grande



# entrevista a ALBERTO LEITE

ilustração de Alda Castanheira



## INTRODUÇÃO

Há um conjunto de irmãos na fé espalhados pelas nossas comunidades de norte a sul do país de que todos nós, velhos e novos se deviam orgulhar pela humildade, perseverança na fé e exemplo de vida. Pena é que não haja quem lhes dedique um pouco do seu tempo

para os descobrir como pessoas simples e irmãos e os dar a conhecer ao resto da comunidade, por exemplo, nas páginas desta revista. Muito obrigado ao Paulo Pina Leite pela ajuda nesta entrevista e na seleção das fotos.

**REF.** Onde nasceu e em que ano?

**A.L.** Nasci no Porto, na freguesia de Lordelo do Ouro, no ano de 1926.

**REF.** Por quantos elementos era constituída a sua família? Como foi a sua infância?

**A.L.** A minha infância foi muito difícil. Nós éramos 5, 3 irmãos (uma menina tinha falecido) e os meus pais. Um par de sapatos era para dois, o que quer dizer que ou era à vez, ou só trazíamos calçado um pé de cada vez. Mesmo para ir para a escola era complicado e, assim, eu acabei por ir para a Escola primária da Igreja Metodista que tinha esse trabalho social e de importância na cultura. Ninguém na minha família, a essa altura, era evangélico, mas foi lá que ouvi

os primeiros coros e ouvi ler a Bíblia pela primeira vez.

**REF.** O que queria ser quando era criança?

O que acabou por ser (profissão)?

**A.L.** Naquele tempo estavam a surgir os primeiros carros a sério... e eu gostava de ser mecânico de automóveis. Mas nunca o fui. Mal saí da escola, depois de fazer o exame da quarta classe, em que se sabia muito mais do que alguns que estão quase a terminar o liceu, fui trabalhar para um talho, primeiro a levar a casa as encomendas dos clientes e depois como cortador de carnes verdes. Trabalhei também nuns estaleiros navais na Afurada, onde me calhavam os trabalhos mais duros. Por fim, fui trabalhar para a APT, que foi a antecessora dos TLP e PT, onde andei cerca de 47 anos. Nessa altura da minha juventude além de trabalhar de dia, fui estudar à noite na Escola do Infante, no Porto, tendo tirado o Curso Industrial.

**REF.** Como foi a sua juventude?

**A.L.** A minha juventude foi como a maioria dos rapazes da época. Não havia nada do que hoje os jovens têm. Como já disse, fiz a primária na Escola Metodista, mas nunca mais fui à Igreja. Também pouco tempo livre tinha pois, especialmente depois da morte do meu pai, tive que trabalhar a dobrar para ajudar em casa. Mas foi já na minha adolescência que fui convidado para ir a uma igreja pelo "Rocha" que era amigo do meu irmão José. E isso veio mudar os meus hábitos porque era uma coisa totalmente diferente e que me ocupava os domingos.

No Coral da ACM (Porto)



1º Campo da União Bíblica no Norte - 1955



**REF.** Qual era a sua vida aos domingos antes da conversão? Como ocupava o tempo?

**A.L.** Como disse, comecei a ir à Foz ainda adolescente...naquela altura passava os domingos como a maioria dos outros rapazes, na rua. Jogávamos ao pião, brincávamos ao arco, íamos às amoras...havia muitos campos e silvados, portanto isto era muito fácil. Como éramos uma família pobre, nunca tive outros vícios...

**REF.** Cumpriu o serviço militar? Onde?

**A.L.** Sim, naquela altura o serviço militar era obrigatório e, apesar de o meu pai já ter falecido, não me libertaram e assim estive no Porto, Évora e Coimbra. Trabalhava no Hospital Militar. Depois da bata branca do talho, agora usava a bata branca do laboratório militar.

**REF.** Como chegou ao conhecimento de Cristo? Onde?

**A.L.** Como já disse, o Rocha, que era amigo de casa, convidou-me a ir à Igreja Evangélica na Foz. Naquela altura era tudo campos e pinhais, sem luz, e às vezes era perigoso, mas nós lá íamos a pé com muita alegria. Foi lá, por instrumentalidade do sr. Barker, como todos lhe chamávamos, que conheci a Cristo e onde muito aprendi, e tenho também tentado ensinar. Estávamos na segunda guerra mundial, eram tempos muito complicados e, para ajudar os rapazes da rua, era feita uma atividade chamada “Terça-feira da rapaziada” em que o sr. Barker, ainda com a sua primeira família (que viria depois a falecer toda na viagem de Portugal para Inglaterra, pois o navio em que seguiam foi torpedeado por submarino alemão), dava café e pão com manteiga aos rapazes e aproveitava para contar uma história bíblica. Também havia a sopa dos pobres. Mas, todos os Domingos, não faltava à Escola Dominical.

**REF.** Em que igreja se integrou e porquê?

**A.L.** Como disse, estive sempre na Igreja da Foz que iniciou ali os seus trabalhos em 1932 e eu comecei lá pelo ano 39-40. Sentia-me bem, aprendi muito e também tínhamos iniciativa de ir pregar o Evangelho a outros lugares como Alumiara, Vilar do Paraíso, Valadares, etc.

**REF.** Como e onde conheceu a sua esposa? Quantos filhos teve?

**A.L.** Conhecia-a lá também. Uns vizinhos dela, a família Pacheco e o sr. Freitas, falaram do evangelho aos que viriam a ser meus futuros sogros e também os encaminharam para a Igreja ali. Na verdade, também não havia muita escolha... Havia a Igreja Metodista, o Tabernáculo Baptista e pouco mais. Casamos em 1956, já lá vão 62 anos... e temos dois filhos e dois netos.

**REF.** Quando subiu pela primeira vez ao púlpito?

**A.L.** Não sei precisar a data mas foi logo a seguir a ter saído do serviço militar portanto perto aí do ano 50... O Sr. Barker “punha-nos ao barulho”, puxava por nós para podermos ser ativos na Igreja.

**REF.** Onde e de que formas já pregou o evangelho?

**A.L.** Sempre preguei numa forma tradicional ... também no passado não havia as facilidades tecnológicas de hoje, e que me fazem muita confusão. Como tínhamos uma “rede” de Igrejas ligadas ao trabalho do Sr. Barker, preguei na maioria delas, senão em todas, como Alumiara, Valadares, S.Mamede e também em Leça da Palmeira, Belmonte, etc. Como desde o início do trabalho da União Bíblica no Norte, fui colaborador, visitava também muitas outras Igrejas, pregando esporadicamente em algumas delas. Fui campista no primeiro acampamento de Jovens da União Bíblica no norte, em 1955 em Francelos, ainda solteiro, e depois em 1956 já casado. Mas, nas reuniões mensais que então se faziam, preparava o concurso bíblico que na altura fez muito sucesso entre os jovens das igrejas.

**REF.** Quem lhe ensinou o que sabe da Bíblia?

**A.L.** Sem dúvida que o meu grande mestre foi o irmão Eric Barker. Ele era muito profundo nos estudos e seguia a Bíblia versículo a versículo. Certamente outros irmãos também foram bons mestres; também o ler bons comentários da Bíblia ajudaram neste conhecimento. O decorar versículos foi uma tremenda bênção. Havia uma grande competição nessa altura na escola dominical. Chegavam-se a dizer, semana após semana, 100 ou 200 versículos... chegando aos milhares no final do ano. Temos todos esses registos no livro da classe dos

Com a sua mãe



No seu trabalho nos telefones



Na tropa em Coimbra



joventos lá na Igreja ... (desde 1935, quando começou o registo, até aos dias de hoje)

**REF.** Com 92 anos, o que pensa do mundo de hoje?

E da igreja de hoje?

**A.L.** O mundo hoje em dia está um autêntico caos... ninguém se entende, todos se afrontam, não há respeito por nada nem por ninguém...e infelizmente a Igreja segue-lhe os passos. Está muito desvirtuada. Há muitas coisas a acontecer, muitas atividades, muitas pregações temáticas, mas a força da pregação do Evangelho é cada vez menos intensa. É bom que se fale e ensine muita coisa útil e necessária, mas se faltar o Evangelho aos perdidos... a Igreja não cresce. Hoje em dia é muito raro vermos entrar uma pessoa nova na Igreja.

**REF.** Se pudesse voltar atrás mudaria alguma coisa no que já fez durante a sua vida?

**A.L.** Poderia mudar uma ou outra pequena coisa, mas no essencial acho que não mudaria nada.

**REF.** Qual é a "coisa" na sua vida pela qual se sente mais grato?

**A.L.** Foi aceitar o convite do Rocha para ir à Igreja, porque isso foi o que originou toda a mudança e todo o meu futuro até hoje. Ele viria também a ser o meu padrinho de casamento e padrinho do meu primeiro filho.

**REF.** Se pudesse escolher a vista da sua casa, o que gostarias de ver?

**A.L.** Não sei, talvez algo com muito verde, muitas árvores para ter ar puro e menos poluição.

**REF.** Se pudesse entrevistar alguém, quem seria?

**A.L.** Nunca fui dado a fazer entrevistas, embora no serviço tivesse feito algumas a candidatos ao emprego, mas sei lá, talvez ao Papa para lhe perguntar se realmente ele dá algum valor à Bíblia como Palavra de Deus ou se segue só o catecismo romano.

**REF.** Quais foram as lições mais importantes que a vida lhe ensinou?

**A.L.** Que vale a pena ser honesto e verdadeiro, mesmo que se sofra escárnio, pois sabemos que este mundo é um mundo de mentira e falsidade. Mas, como crentes, temos que ser luz e vale a pena marcar a diferença, porque Deus é Fiel!

**REF.** Qual foi a fase mais difícil da sua vida, e como reagiu?

**A.L.** Talvez quando fiquei sem pai aos 13 anos e com uma mãe doente... foi na altura em que me tive de sujeitar aos mais duros trabalhos, quer no talho, quer nos estaleiros de S. Paio na Afurada. Mas tinha que olhar em frente e foi nessa altura também que conheci Cristo.

**REF.** Qual a primeira coisa que faz ao abrir os olhos?

**A.L.** É olhar em volta e perceber que pela imensa Graça e Misericórdia de Deus, ainda cá estou mais um dia....

**REF.** Quando foi a última vez que chorou e porquê?

**A.L.** Chorar a sério foi talvez quando a minha mãe partiu, era eu ainda solteiro...e ela já não pôde assistir ao meu casamento e ao resto da vida... foi duro, mas cá estou graças a Deus.

**REF.** Que personagem gostaria de representar num filme?

**A.L.** Não sou muito dado a filmes... não sei responder ... vivo a vida cada dia na realidade, esse é o meu filme.

**REF.** Se a sua vida fosse uma notícia, qual o título que lhe daria?

**A.L.** Talvez "Sejam melhores do que eu..."

**REF.** Qual a sua maior qualidade? E defeito?

**A.L.** É complicado falar de nós, mas talvez, como qualidade, ser verdadeiro e perseverante. Como defeito, o ser parco em palavras; gostaria de falar muito mais, com sabedoria, pois há tanta coisa errada ao nosso redor.

**REF.** Como é o seu dia a dia?

**A.L.** Levanto-me pela manhã, vou dar a minha voltinha, antes ia até à baixa, agora até á Boavista, porque as forças já não são as mesmas,

Grupo de jovens da época



A caminho do culto



Casamento



faço as minhas palavras cruzadas todos os dias, de tarde fico por casa a descansar. Sempre que há cultos, aí vou eu.

**REF.** Conte-nos duas ou três pequenas histórias da sua vida.

**A.L.** É difícil escolher uma ou duas mas estou a lembrar-me, quando ainda jovem, nós saíamos em grupo da Foz, atravessávamos o Douro nuns "caícos"<sup>1</sup> e lá íamos por ali acima até à Igreja de Alumiará. Éramos quase sempre entre dez a doze. As mulheres vareiras perseguiam-nos gritando coisas do tipo: "Ó protestantes, ó Lucas, ó pernas tortas"... (isto porque havia lá um crente que tinha um defeito numa perna e então éramos todos "Lucas"). Éramos facilmente reconhecidos porque todos íamos com a Bíblia na mão. Mas um dia atrasei-me e quando atravessei o rio já todos tinham ido... e eu ainda jovem e um pouco receoso lá fui. Mas as peixeiras reconheceram-me e lá vieram todas atrás de mim e eu, sem companhia, lá fui temerosamente avançando. O certo é que apesar de todo o barulho, não chegaram a vias de facto e cheguei em bem à Igreja. Foi um susto valente, mas o Senhor estava comigo.

**REF.** Tente recordar-se de mais uma história curiosa passada na sua vida?

**A.L.** Passou-se na tropa, depois da escola de cabos, a companhia de saúde foi dividida entre Coimbra e Lisboa. Fui destacado para Coimbra, e meteram-me logo na escala de cabo de dia. Como era domingo, eu teria de hastear a bandeira...mas eu nem sabia onde era nem como se fazia...O sargento da guarda lá me deu as ordens e eu lá tentei com toda a reverência devida àquele símbolo nacional, hastear a bandeira. Só que a corda tinha um nó a meio e empancou na roldana. Acabou por ficar a meia haste, uma bronca. Depois da cerimónia terminada lá tive que resolver o assunto e desatar o nó. Muitas vezes na nossa vida também acontecem situações semelhantes... há nós que precisam ser desatados. Para culminar em beleza esta estrema trágica, ao iniciar o arrear da bandeira, ela voou, e foi outra cerimónia falhada... ficou-me marcado para sempre.

Houve, também, alguns momentos marcantes: por exemplo, os tempos de participação no Coral da ACM, as aulas de música com a D. Arnaldina, assim como grandes campanhas evangelísticas com o Dr.

Samuel Doctorian, com John Haggai e, talvez a última, com Luis Palau. São tempos que não voltam, mas em que se sentia uma fé ativa, um empenho desprendido sem se olhar a denominações, todos operando com o sentido de salvar almas perdidas. Hoje há muitas atividades (talvez demasiadas) mas com muita dispersão também.

**REF.** E uma história passada com os seus filhos?

**A.L.** Certo dia, eram eles ainda bem pequenos, encontrei-os numa animada conversa e aproximei-me cauteloso para ouvir o que falavam. Ela dizia para o irmão: "Tu és mau, não gosto de ti, por isso amanhã vais para o inferno". Ao que ele ripostou: " Não vou nada, amanhã é domingo e o inferno está fechado, onde vamos é mas é à Igreja". Já não ouvi mais nada porque me deu uma enorme vontade de rir, e tive que me afastar sem eles terem notado a minha presença...

**REF.** Qual foi o último livro que leu?

**A.L.** Foi o do Agostinho Soares "Na sala dos engenheiros", salvo erro.

**REF.** Qual a personagem bíblica, sem ser Jesus, que mais admira e porquê?

**A.L.** Poderia escolher vários personagens do Velho Testamento com muito significado, mas para este tempo pós-vinda de Jesus à Terra, penso que a personagem mais emblemática foi Paulo. Depois da sua conversão, na célebre estrada de Damasco, ele mudou totalmente o seu rumo e apenas viveu para servir a Cristo. Para ele, " o viver era Cristo" (Fp. 1:21). Nada mais fazia sentido sem Cristo. Paulo nunca viveu para si mesmo, mas para Cristo e os outros, numa dedicação total. Ele podia com convicção dizer: "Trago no meu corpo as marcas do Senhor Jesus" (Gl. 6:17). Realmente seguiu os passos de Jesus e viveu aquilo que ensinava. Hoje há escassez destes exemplos. No final da sua vida desejava "estar com Cristo...pois isso seria ainda muito melhor" pois tinha a firme certeza que Cristo era tudo para ele, o Seu Salvador, e que o seu nome estava escrito no livro da vida.

**REF.** E para terminar, qual o seu prato predileto?

**A.L.** Bacalhau à Braga. 🏠

(1-pequeno barco a remos)

Casamento do filho



Bodas ouro com a irmã Beryl Barker



Bodas de ouro o irmão Pontes



## RETIRO DE OBREIROS

Realizou-se, mais uma vez, o Retiro de Obreiros em Esmoriz, de 27 a 31 de Agosto, nas renovadas instalações do CBE - Centro Bíblico de Esmoriz.

Mais de 50 irmãos, diferentes famílias de Braga a Olhão, mais velhos e crianças, estiveram juntos a louvar o Senhor pelo trabalho e ministério que lhes tem sido confiado.

Os Estudos Bíblicos matinais decorreram a cargo do Irmão Paul Young, presidente da direção da Echoes of Service. Nas reuniões de partilha, à noite, tivemos vários irmãos que nos exortaram, entre eles, o irmão John Aitken, secretário executivo da mesma organização. A Echoes of Service é a entidade britânica que gere o apoio a missionários e frentes de ministério em muitas partes do mundo.

Uma das vertentes destes Retiros é a oportunidade para partilhar motivos de oração, lutas, desafios e bênçãos. São dias de refrigério espiritual, físico e emocional dos Obreiros da Seara.

Foi empolgante ver casais mais novos motivados e desejosos de continuar e desenvolver a boa obra.

*Maranata*

Pela primeira vez em que fiz parte desta semana de obreiros, posso dizer que senti uma grande bênção por tudo o que ali foi feito e realizado. Saímos dali mais cheios do Espírito Santo. Serviu de experiência, para voltar novamente em 2019.

Esperamos estar novamente todos juntos, para que unidos possamos enriquecer ainda mais o ministério da CIIP. E para que os nossos laços de amizade sejam ainda mais fortes.

*Joaquim Capelas*

## CARTA PARA O RETIRO DE OBREIROS

Prezados Irmãos,

Mais uma vez não podemos estar convosco no retiro dos obreiros em Esmoriz. Nesta vez porque estamos em Moçambique. Portanto decidimos mandar esta carta.

O nosso tempo em Moçambique está a correr muito bem. Chegámos durante a última parte de Julho e voltaremos para Portugal durante o mês de Setembro. Tem sido a primeira vez que estamos juntos em Moçambique desde 2012. Também nesta vez tivemos uma pequena equipa de Portugal, que foi a realização dum sonho que temos tido durante alguns anos, e esperamos que seja a primeira de mais equipas de Portugal. Entretanto estamos muito gratos por toda a semente que foi semeada pela equipa que tivemos agora, incluindo a Rute Vivas que fez muito bem na sua primeira viagem a Moçambique.

Depois de alguns anos de desafios pessoais, desde o nosso regresso para Portugal em 2012, estamos muito animados com a forma em que o trabalho está a correr em Moçambique. Instalados num novo escritório, e com uma nova impressora para imprimir o material que mandamos para as igrejas, estamos a desenvolver e a atualizar o nosso material com as escolas dominicais, e os estudos bíblicos para os adultos, nas igrejas rurais. Também estamos muito encorajados com uns testemunhos que ouvimos nas igrejas que recebem o material que mandamos, incluindo com as gravações das Escrituras na língua de Sena. Também a nossa equipa, cá na Beira, continua a fazer bem.

Olhando para frente, há muito interesse na parte das outras missões e das igrejas pelo material que estamos a produzir em Moçambique. Pedimos as vossas orações para que possamos aproveitar as muitas portas que continuam abertas, e que tenhamos as finanças para a produção do material, para que mais igrejas possam beneficiar.

Em Portugal, em Vale da Pinta, continuamos a fazer traduções para outras missões que trabalham em África, nos países de língua portuguesa. Também agora temos material disponível para as escolas dominicais em Portugal. Continuamos muito gratos pela ligação que temos com outras organizações, tal como a União Bíblia que nos tem apoiado muito com as suas publicações que continuamos a distribuir em Moçambique.

Os nossos filhos continuam bem. O Peter e a Ana estão a partilhar a mesma casa no País de Gales onde a Ana continua a trabalhar como terapeuta ocupacional, enquanto o Peter, que estava a trabalhar no restaurante KFC, agora trabalha numa fábrica de chocolates! O Timothy ainda está connosco em Portugal e trabalha em Lisboa no centro de apoio de Nintendo. Damos graças a Deus pelo facto que os três estão a trabalhar, e pedimos as vossas orações para que continuem firmes no caminho do Senhor.

No próximo ano esperamos estar convosco. As nossas saudações a todos aí.

*Em Cristo, Chris e Camica*



**Espaço para autocolante ou carimbo de contactos da igreja**

A revista REFRIGÉRIO é o órgão oficial da Comunhão de Igrejas de Irmãos em Portugal. Através de artigos de edificação, reflexões e notícias pretende contribuir para: anunciar a boa nova de que há salvação em e por Cristo Jesus; levar os crentes a uma maior santidade pessoal; aumentar a comunhão entre os que creem em Jesus Cristo como seu Salvador e Mestre; celebrar vidas e ministérios que têm sido agentes de Deus em Portugal; divulgar eventos relevantes para as comunidades cristãs evangélicas; partilhar Notícias do campo missionário em Portugal; e do que missionários de língua portuguesa em diferentes pontos do mundo estão a fazer no cumprimento da Grande Comissão.